



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Emoções e Adolescência: A modulação da Regulação Emocional, Empatia,
Afeto Positivo e Negativo e do Clima Familiar

Elaine Alves Pinheiro

Mestrado em Ciências das Emoções

Orientadora: Doutora Susana Cristina Silvestre Fonseca, Professora Auxiliar,
ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Emoções e Adolescência: A modulação da Regulação Emocional, Empatia,
Afeto Positivo e Negativo e do Clima Familiar

Elaine Alves Pinheiro

Mestrado em Ciências das Emoções

Orientadora: Doutora Susana Cristina Silvestre Fonseca, Professora Auxiliar.
ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

Agradecimentos

Dedico esta dissertação à minha família e colegas que motivaram e compartilharam esta jornada acadêmica comigo e, acima de tudo a Jesus, meu mentor e amigo tão perto quanto minha própria pele. Vocês são a minha grande fonte de inspiração, e este trabalho é dedicado a vocês para encorajá-los a construir suas famílias sobre um edifício firmado no amor. À minha orientadora, a professora Dra. Susana Fonseca, cuja orientação e conhecimento foram fundamentais para o sucesso desta dissertação.

Dedico ainda este trabalho ao professor Dr. Rafael Pinheiro, meu esposo, por me ter incentivado a fazer este mestrado e por ter sido a minha maior rede de apoio no processo de formação até aqui. Ao meu pai que me incentivava todos os dias para buscar conhecimento de forma a melhorar nossa qualidade de vida.

Os meus sinceros agradecimentos a minha igreja, famílias e adolescentes que sem esta preciosa colaboração de vocês não teria sido possível a realização deste trabalho. Desejo no íntimo do meu ser que minha jornada acadêmica e minha caminhada na investigação científica seja longa e centrada em uma vida Coram Deo.

Resumo

O principal objetivo desta dissertação é explorar o impacto da regulação emocional, do afeto positivo e negativo, e da empatia dos adolescentes no clima familiar. É introduzido o conceito de modulação no campo da Ciência das Emoções, utilizando uma analogia com a teoria da modulação em engenharia de telecomunicações. O modelo considera o adolescente como onda portadora, enquanto a regulação emocional, afeto positivo e negativo, e empatia atuam como sinais modulantes que moldam o adolescente para influenciar no clima familiar. Foram selecionados 114 participantes, com idades entre 12 e 17 anos ($M=14,75$), dos quais 88,6% são do sexo feminino, 86,0% provenientes do Brasil e 14,0% de Portugal. Foram utilizadas as escalas de Regulação Emocional para Crianças e Adolescentes (ERQ-CA), Empatia Básica Versão Breve Adaptada (BES-A), Afeto Positivo e Negativo (PANAS-VRP) Versão Portuguesa Reduzida e o Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. Dos resultados, os adolescentes mais velhos recorrem mais à reavaliação cognitiva que adolescentes mais novos; a reavaliação cognitiva e a empatia associam-se positivamente com o clima familiar dos adolescentes; as raparigas recorrem mais à supressão emocional que os rapazes; o afeto negativo tem correlação negativa com a modulação da regulação emocional, empatia e clima familiar; o afeto positivo tem correlação positiva com a modulação da regulação emocional, empatia e clima familiar; a empatia não medeia a relação entre regulação emocional e clima familiar dos adolescentes. Portanto, o modelo de modulação emocional neste estudo é viável para analisar novos sinais modulantes, nos diferentes contextos, nos estudos em Ciências das Emoções.

Palavras-Chave: Emoção, empatia, clima familiar, adolescentes e ciências das emoções.

PsycINFO codes:

2360 Motivation & Emotion

2900 - Social Processes & Social Issues

Abstract

The main objective of this dissertation is to explore the impact of emotion regulation, positive and negative affect, and adolescent empathy on family climate. The concept of modulation in the field of Emotional Science is introduced, using an analogy with modulation theory in telecommunications engineering. The model considers the adolescent as a carrier wave, while emotional regulation, positive and negative affect, and empathy act as modulating signals that shape the adolescent to influence the family climate. A total of 114 participants were selected, aged between 12 and 17 ($M=14.75$), of whom 88.6% were female, 86.0% from Brazil and 14.0% from Portugal. The Emotional Regulation for Children and Adolescents (ERQ-CA), Basic Empathy Short Adapted Version (BES-A), Positive and Negative Affect (PANAS-VRP) Portuguese Reduced Version and the Family Climate Inventory (ICF) for adolescents were used. The results show that older adolescents use cognitive reappraisal more than younger adolescents; cognitive reappraisal and empathy are positively associated with adolescents' family climate; girls use emotional suppression more than boys; negative affect has a negative correlation with modulation of emotional regulation, empathy and family climate; positive affect has a positive correlation with modulation of emotional regulation, empathy and family climate; empathy does not mediate the relationship between emotional regulation and adolescents' family climate. Therefore, the model of emotional modulation in this study is viable for analyzing new modulating signals in different contexts in studies in the Emotional Sciences.

Keywords: *Emotion, empathy, family climate, adolescents and the science of emotions.*

PsycINFO codes:

2360 Motivation & Emotion

2900 - Social Processes & Social Issues

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	v
Índice.....	vii
Índice de Quadros e Figuras	x
Glossário	xi
Introdução	1
Capítulo 1. Enquadramento Teórico	4
1.1. Adolescência: Conflitos, questionamentos e angústias.....	4
1.2. Emoção.....	5
1.2.1. Tipos de Emoções.....	7
1.2.2. Funções das Emoções.....	7
1.3. Regulação Emocional.....	10
1.3.1. Estratégias de Regulação Emocional.....	10
1.3.2. Desenvolvimento da Regulação Emocional na Adolescência.....	11
1.4. Modulação.....	12
1.4.1. Conceito de Modulação	12
1.4.2. Regulação e Modulação Emocional	13
1.4.3. O Conceito de Modulação na Ciência das Emoções	14
1.5. Empatia.....	16
1.5.1. Dimensões da Empatia	16
1.5.2. Desenvolvimento da Empatia em Adolescentes.....	17
1.6. Afeto Positivo e Afeto Negativo	18
1.7. Clima Familiar.....	19
1.7.1. Componentes do Clima Familiar.....	20
1.7.2. A Influência das estratégias de Regulação Emocional do Adolescente no Clima Familiar.....	21
1.7.3. A influência do afeto positivo e afeto negativo no Clima Familiar.....	21
1.7.4. A Influência das competências de empatia do Adolescente no Clima Familiar	22
1.8. Objetivos	23
1.8.1. Questão de Investigação	23
1.8.2. Hipóteses	24
Capítulo 2. Método	25
2.1. Participantes	25
2.2. Instrumentos.....	26
2.2.1. Questionário de regulação emocional para crianças e adolescentes (ERQ-CA). ..	26
2.2.2. Escala de Empatia Básica versão breve adaptada (BES-A)	27
2.2.3. Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes	28
2.2.4. Positive and Negative Affect Schedule PANAS – versão portuguesa reduzida ..	28
2.2.5. Caracterização Sociodemográfica	29

2.3. Procedimentos	29
2.3.1. Recolha de Dados	29
2.3.2. Tratamento de Dados.....	30
Capítulo 3. Resultados	32
3.1. Análise de escalas e subescalas	32
3.2. Análise correlacional e comparativa	34
Capítulo 4. Discussão e Conclusão	44
4.1. Discussão.....	44
4.2. Limitações	45
4.3. Conclusão.....	46
Referências.....	49
ANEXOS	62

Índice de Quadros e Figuras

Figura 1. Modulação nas Telecomunicações: O sinal de voz (sinal modulante) inserido numa onda portadora, possibilita a transmissão do sinal.....	14
Figura 2. Modulação na Ciência das Emoções: Modelo que unifica sistemas processuais regulação emocional, afeto positivo e negativo e empatia (sinais modulantes) inserido no adolescente (onda portadora), possibilita impacto no clima familiar.....	15
Quadro 1. Caracterização Sociodemográfica dos Participantes Total e por Grupo.....	25
Tabela 1. Consistência Interna das escalas e Subescalas em Estudo.....	26
Tabela 2. Dados Descritivos das Escalas e Subescalas em Estudo.....	33
Tabela 3. Teste de Normalidade das Escalas e Subescalas em Estudo.....	33
Tabela 4. Correlação de Pearson entre Escalas e Subescalas em Estudo.....	34
Tabela 5. Teste comparativo nas Escalas e Subescalas, Tendo em conta o Sexo.....	35
Tabela 6. Magnitude de Efeito do Teste Comparativo, Tendo em Conta o Sexo.....	37
Tabela 7. Teste Comparativo nas Escalas e Subescalas, Tendo em conta a Idade por Grupo..	38
Tabela 8. Magnitude de Efeito do Teste Comparativo Tendo em Conta a Idade por Grupo....	39
Tabela 9. Comparação por Idade.....	40
Tabela 10. Coeficientes de Correlação (hipótese 2)	40
Tabela 11. Comparação por Sexo.....	41
Tabela 12. Coeficientes de Correlação (hipótese 4).....	41
Tabela 13. Coeficientes de Correlação (hipótese 5).....	42
Tabela 14. Análise de Regressão (hipótese 6).....	43

Glossário

AM - Modulação em Amplitude

AN - Afeto Negativo

ANOVA - Análise de Variância

AP - Afeto Positivo

BES-A - Escala de Empatia Básica Versão Breve Adaptada

ER - Regulação Emocional

ERQ-CA - Questionário de regulação emocional para crianças e adolescentes

FM - Modulação em Frequência

IA - Ínsula Anterior

ICF - Inventário do Clima Familiar para Adolescentes

PANAS-VRP - Escala do Afeto Positivo e Negativo Versão Portuguesa Reduzida

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

Introdução

Esta dissertação investiga como a modulação do adolescente via regulação emocional, afeto positivo e negativo e empatia impactam no clima familiar. O estudo pretende preencher a lacuna que há nos estudos mais recentes sobre a junção da regulação emocional, do afeto positivo e negativo, da empatia e o clima familiar especificamente no processo de modulação emocional.

Existem trabalhos que abordam separadamente as estratégias de regulação emocional do adolescente (Larson et al., 2002; Pedrini et al., 2020; Silk et al., 2003) e empatia afetiva e cognitiva do adolescente (Morelli et al., 2014; Portt et al., 2020; Van der Graaff et al., 2014), o clima familiar (Moss, 1994; Teodoro et al., 2009), bem como a importância da regulação emocional na facilitação da empatia e do comportamento pró-social (Benita et al., 2017; Laghi et al., 2018; Lockwood et al., 2014) e a complexidade das interações entre regulação emocional, empatia e comportamento pró-social.

No entanto, no campo da Ciências das Emoções, a junção da modulação da regulação emocional (i.e. supressão emocional e reavaliação cognitiva), do afeto (i.e. positivo e negativo) da empatia (i.e. afetiva e cognitiva) e o clima familiar, ainda não foi explorada. Portanto, o resultado deste estudo conduzirá a mais um caminho sim, porém mais profundo, para o estudo da modulação desses processos nesta fase etária tão complexa do desenvolvimento humano.

No âmbito de estudos que correlacionam a regulação emocional e adolescentes, destacam-se na literatura os trabalhos de Gross (2014), Pedrini et al. (2022), Rodriguez et al. (2015) e Sanchis-Sanchis et al. (2020). Gross (2014) é uma referência na área de regulação emocional, e seus estudos oferecem uma visão abrangente sobre os processos, estratégias e implicações da regulação emocional. Embora não esteja diretamente ligado à adolescência, serve como um recurso essencial para entender os mecanismos subjacentes à regulação emocional em qualquer estágio do desenvolvimento.

Ainda no trabalho de Pedrini et al. (2022), uma revisão sistemática de intervenções escolares é direcionada para o aprimoramento das habilidades de regulação emocional em adolescentes. Em Rodriguez et al. (2015), é utilizado um jogo sério baseado em realidade virtual, uma abordagem tecnológica que demonstra estratégias de regulação emocional e modulação que podem ser aplicadas de maneiras criativas. Já em Sanchis-Sanchis et al. (2020), são explorados os efeitos da idade e sexo na regulação emocional de crianças e adolescentes,

contribuindo para uma compreensão mais refinada das variações no desenvolvimento emocional durante a adolescência.

Entre os estudos que relacionam empatia e adolescentes, destacam-se o trabalho de Anastácio e Lima (2015), Portt et al. (2020) e Kim et al. (2020). Anastácio e Lima (2015) analisam a influência da vinculação aos pais na capacidade de sentir e compreender emoções durante o início da adolescência, fornecendo uma base para compreender como os laços emocionais familiares moldam as habilidades empáticas dos adolescentes.

Em Portt et al. (2020), há um foco na empatia e nos aspectos positivos das relações interpessoais na adolescência, oferecendo uma visão abrangente da importância da empatia no estabelecimento de relações saudáveis durante esse período.

Ainda, em Kim et al. (2020), através da ressonância magnética funcional, investiga a empatia cognitiva e emocional em jovens adolescentes, proporcionando uma perspectiva neurobiológica única sobre como esses processos são modulados no nível cerebral.

Sobre o clima familiar, a abordagem ecológica de Bronfenbrenner (1994) e seu posterior trabalho com Evans (2000) oferecem uma estrutura conceitual para entender como os diferentes sistemas ambientais influenciam o desenvolvimento humano. Embora não focados diretamente na adolescência, esses modelos fornecem um contexto teórico fundamental para analisar as inúmeras influências sobre a regulação emocional e empatia durante esse estágio específico.

Em Kerr et al. (2019), as influências parentais também são analisadas através dos mecanismos neurais subjacentes à regulação emocional e destaca a importância do ambiente familiar na modulação dessas estratégias.

O estado da arte destaca a importância teórica e experimental desses fatores na construção de novas características positivas e importantes para o bem estar dos adolescentes e de suas famílias no clima familiar.

Portanto, o conceito de modulação na Ciência das Emoções, pontuada brevemente neste trabalho, é uma abordagem inovadora que busca aprofundar com mais assertividade o estudo ilimitado sobre o desenvolvimento emocional humano, especialmente na adolescência. Este conceito visa integrar e sistematizar habilidades, competências e estratégias em um modelo unificado, com o objetivo de promover mais investigações para a construção do bem-estar físico, psicológico e social dos adolescentes e suas famílias.

Além disso, ao investigar como esses processos operam em diferentes sistemas e contextos, a modulação foca no impacto dessas habilidades e competências para o desenvolvimento das capacidades socioemocionais aprendidas durante o desenvolvimento

complexo das emoções e competências pró-sociais do adolescente. Por fim, ao contribuir com esta análise transversal, abre-se mais um caminho para tantos questionamentos acerca de como os adolescentes já possuem por si só, um ajustamento de habilidades e competências no decorrer de seu desenvolvimento.

Capítulo 1

Enquadramento Teórico

1.1. Adolescência: Conflitos, questionamentos e angústias

A adolescência é marcada por situações desagradáveis, contraditórias e hostis, muitas vezes porque os adolescentes não têm consciência das emoções que experimentam. Sua imaturidade, mediada por sistemas cerebrais subcorticais, pode impactar decisões e até mesmo reações emocionais genuínas inconscientes (Berridge & Winkielman, 2003). Mas os adolescentes necessitam também de apoio de adultos para estar por perto, com um certo distanciamento (i.e para a formação da sua independência) contudo, disponíveis, para proporcionar segurança na jornada final para a formação de sua identidade. É uma etapa da vida de desafios, onde perguntas impertinentes, pouco elaboradas, fazem parte dessa etapa do desenvolvimento cerebral (Garanito & Zaher-Rutherford, 2019).

Toda complexidade e diversidade das experiências do adolescente são caracterizadas por mudanças físicas, psicológicas e ambientais, as quais estão diretamente relacionadas ao contexto histórico, social e cultural em que se dá o seu desenvolvimento (Sifuentes et al., 2007). É importante que o sujeito em desenvolvimento ao sair de um microsistema conhecido para incluir-se em um novo contexto seja conduzido e apoiado. E é devido a esse movimento no espaço ecológico, por meio da passagem por vários microsistemas, que os adolescente adquire novos conhecimentos e habilidades e pode experimentar novos papéis e novas relações (Bronfenbrenner, 2011).

Sifuentes et al. (2007) também trás uma nova perspectiva, integrada as distinções de fatores temporais, contextuais e processuais, com uma abordagem mais ampla e complexa, assim como a adolescência é, que é importante levar em consideração não apenas a idade cronológica, mas também como esses fatores podem influenciar esse período de transição da infância para a idade adulta.

Além de toda complexidade e a diversidade das experiências dos adolescentes caracterizada por mudanças físicas, psicológicas e ambientais, as quais estão diretamente relacionadas ao contexto histórico, social e cultural em que se dá o desenvolvimento, Bronfenbrenner (2011) propõe que é importante que o sujeito em desenvolvimento ao sai de um microsistema conhecido para incluir-se em um novo contexto seja conduzido e apoiado. Pois é devido a esse movimento no espaço ecológico, por meio da passagem por vários

microssistemas, que o adolescente adquire novos conhecimentos e habilidades e experimenta novos papéis e novas relações.

1.2. Emoção

As emoções permeiam todo o processo evolutivo do desenvolvimento humano, exercendo muita influência sobre o comportamento, a cognição e as interações sociais (Kagan, 1984). Desde o nascimento até a idade adulta, as emoções desempenham um papel essencial na formação da personalidade, no estabelecimento de relações interpessoais e no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais (Bastian et al. 2005; Soto et al. 2021).

O estudo das emoções ao longo do tempo envolveu contribuições significativas de diversos autores à compreensão desse fenômeno complexo. Charles Darwin, embora mais conhecido por suas contribuições à teoria da evolução, também fez observações importantes sobre as emoções em seu trabalho. Em sua obra "A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais" (1872), Darwin explorou a ideia de que as expressões faciais humanas e algumas expressões emocionais em animais têm uma base evolutiva e são universais entre as culturas humanas. Embora suas ideias tenham sido inicialmente controversas, a investigação subsequente confirmou muitos dos princípios que ele introduziu, e suas observações continuam a influenciar o estudo das emoções e da expressão facial até os dias atuais (Ekman, 2006; 2009).

Posteriormente, já nos finais do século XIX, Charles Darwin, William James e Sigmund Freud escreveram extensivamente sobre vários aspectos da emoção, dando-lhe um lugar privilegiado no discurso científico. Freud (1900), com a teoria psicanalítica, concentra-se na experiência emocional como o resultado de pensamentos ou percepções mentais. No entanto, William James (1884;1890) e Carl Lange (1885) iniciam o campo com a Teoria de James-Lange, postulando que a experiência emocional não é apenas o resultado de pensamentos ou percepções mentais, mas emerge da percepção de mudanças corporais. Ao longo dos anos, Walter Cannon (1927) e Philip Bard (1927) propuseram a Teoria de Cannon-Bard, desafiando essa visão ao argumentar que respostas emocionais e experiências ocorrem simultaneamente, depois aprofundada no Circuito Papez, um modelo sobre o circuito neural das emoções formulado por James Papez (1937).

Ao modular as respostas do sistema nervoso às experiências emocionais, Papez propôs que algumas estruturas neurais estavam intrinsecamente conectadas, como o hipocampo, o fórnix, o corpo mamilar, o tálamo e o giro cingulado, o sistema límbico, antes já considerado por Paul Broca (1850) como sendo o lobo límbico presente filogeneticamente em todos os

vertebrados - "Suas interconexões constituem um mecanismo harmonioso que pode elaborar as funções da emoção central, bem como participar da expressão emocional" (James Papez, 1937). Com o avanço dos estudos sobre os circuitos neurais das emoções, Paul Maclean (1952) incluiu a área septal e a amígdala, nomeado sistema límbico, sistema central e mais importante para o funcionamento das emoções e da memória.

Logo, os fatores cognitivos no circuito neural das emoções foram introduzidos por Stanley Schachter e Jerome Singer (1962), com a Teoria da Atribuição de Dois Fatores. Mas foi Richard Lazarus (1996), com a Teoria da Avaliação Cognitiva que enfatizou o papel crítico da interpretação na experiência emocional.

Não obstante, James Ellsworth (2003) e Klaus Scherer (2003) contribuíram com o Modelo de Componentes Emocionais, destacando a diversidade e complexidade das emoções, mas foi Paul Ekman (2003), Carroll Izard (2013) e Lisa Feldman Barrett (2017) que acabaram por avançar, explorando expressões faciais universais, emoções diferenciais e teorias construcionistas, respectivamente. Outros notáveis, como António Damásio (1994), Joseph LeDoux (1998), Barbara Fredrickson 2009, ampliaram essa tapeçaria, abordando as emoções de ângulos variados, desde a neurociência até a psicologia do desenvolvimento. Esses pioneiros estabeleceram a base para uma compreensão abrangente e multidimensional das emoções.

Desde as primeiras formulações de William James no século XIX, as emoções têm sido conceptualizadas consensualmente pelos teóricos como respostas complexas a estímulos significativos, visando preparar o organismo para interagir com o ambiente. Por exemplo, William James (1984) analisa as emoções, sugerindo que derivam da percepção de mudanças corporais ligadas a estados emocionais. Ele desafia a visão tradicional, indicando que a experiência emocional segue a percepção dessas alterações fisiológicas, não sendo causada diretamente pela percepção de eventos externos. Este trabalho marcou a psicologia das emoções, influenciando o desenvolvimento de teorias subsequentes.

Em suma, a definição comum das emoções destaca sua complexidade e diversidade, indo além de simples reações a estímulos. Os teóricos, já citados anteriormente, concordam que as emoções não são apenas respostas automáticas, mas sim processos neuropsicológicos conectados que envolvem aspetos cognitivos, fisiológicos e comportamentais. Para compreender um conjunto de competências que fazem parte de uma modulação emocional, apesar de desafiador, revela-se talvez como um grande avanço para compreender e até mesmo regular as respostas comportamentais dos adolescentes.

1.2.1. Tipos de Emoções

Quanto aos tipos de emoções, uma variedade delas foi identificada e classificada ao longo do tempo. Difundidas por Ekman (1971), as emoções básicas ou primárias como alegria, tristeza, raiva, medo, surpresa e nojo, são amplamente reconhecidas em culturas e são consideradas universais. Além disso, há emoções complexas ou secundárias que resultam da combinação ou variação das emoções básicas, formando um espectro mais amplo e intrincado de respostas emocionais.

Essa concepção abrangente das emoções, que vai além das reações simples a estímulos, contribui para uma compreensão mais profunda da complexidade e da importância desses fenômenos psicológicos na interação humana com o ambiente.

1.2.2. Funções das Emoções

O primeiro modelo sobre o circuito neural das emoções foi modulado à resposta do sistema nervoso às experiências emocionais por James Papez (1937), trazendo um conhecimento amplo das emoções na regulação neurológica no Circuito de Papez.

Papez (1937) propôs que a experiência da emoção poderia ocorrer por um circuito neural subjacente que representa uma região subcortical profunda e central do cérebro essencial para as funções emocionais, afetivas e sociais, com raízes evolutivas que remontam aos vertebrados. Ou seja, ao receber um estímulo, este é transmitido do hipocampo, pelo fórnix até o corpo mamilar, chegando ao tálamo, o núcleo do tálamo envia o estímulo ao giro cingulado que volta ao hipocampo fechando o circuito de Papez, mas ao mesmo tempo, este estímulo é projetado para áreas amplas no córtex. Em 1952, o Dr. Paul Maclean introduz o conceito de sistema límbico que além do circuito de Papez incluiu a área septal e a amígdala.

Embora as funções emocionais não estejam restritas ao sistema límbico, pois ocorrem em todo o cérebro, a colaboração entre essa região subcortical e outras áreas cerebrais, especialmente o córtex pré-frontal e orbito-frontal, é fundamental. As emoções têm uma interconexão intrínseca com as funções cognitivas e executivas, impactando diretamente a sobrevivência, adaptabilidade, sociabilidade e aprendizagem.

Reconhecendo a complexidade das emoções, alguns modelos convergem para a compreensão de suas múltiplas funções que regulam o comportamento, influenciam as interações sociais e desempenham papéis essenciais nos processos internos do indivíduo. Uma função comunicativa proeminente das emoções é evidenciada pela sua capacidade de transmitir

estados internos. Além disso, elas facilitam respostas eficazes em situações de emergência e promovem a adaptação e mestria em ambientes desafiadores. (Scherer, 1984)

Os autores Ekman, Abe e Izard (1998) pontuam que as emoções desempenham uma função vital na sobrevivência e adaptação. Esses estados emocionais inatos são essenciais para orientar comportamentos que visam à preservação da vida e ao desenvolvimento adaptativo do indivíduo. Ou seja, em uma perspectiva evolutiva, a função das emoções se estende à preservação da vida e à garantia da procriação. Elas estão intrinsecamente relacionadas a comportamentos que asseguram a continuidade da espécie, ressaltando sua relevância na manutenção da vida.

Damásio (1996) e LeDoux (1998) destacam que a função primária das emoções é gerir acontecimentos significativos em busca de objetivos pessoais. Essas respostas emocionais, conforme ressaltado, direcionam o comportamento em prol da consecução de metas individuais. Além disso, também destacado por esses autores, as emoções desempenham o papel motivador na modificação das tendências de ação. Elas fornecem o impulso necessário para alterações comportamentais, orientando o indivíduo em direção a respostas mais adaptativas.

Campos e Barrett (1987) enfatizam as funções adaptativas das emoções, definidas pela organização de seus componentes. Essa perspectiva ressalta a capacidade das emoções de se ajustarem e influenciarem o comportamento em resposta ao ambiente.

O modelo clínico de Greenberg (2002) sublinha a função informativa das emoções, destacando sua contribuição para a sobrevivência ao oferecerem respostas eficientes e automáticas a estímulos do ambiente. Elas atuam como guias valiosos na tomada de decisões rápidas e adaptativas.

Panksepp (2004) propõe que a função das emoções é sinalizar necessidades de forma intrínseca. Elas agem como indicadores internos que comunicam ao indivíduo suas demandas, orientando-o na busca por atender às exigências fisiológicas e psicológicas.

Barrett (2017), também pontua que as emoções facilitam a ação ao reduzir discrepâncias entre construções pessoais antecipatórias e comportamentos relacionados ao acontecimento. Essa função auxilia na coerência entre expectativas individuais e reações comportamentais.

A integração entre emoções e cognição, conforme ressaltado por Campos e Barrett (1987), exerce um papel organizador no desenvolvimento da personalidade. Essa função destaca como as emoções moldam e são moldadas pelo crescimento psicológico do indivíduo.

Ou seja, as emoções não apenas moldam a experiência emocional individual, mas também desempenham um papel crucial na organização cognitiva que fundamenta a personalidade.

Em uma perspectiva cognitiva, a avaliação do contexto e a potencialização do processo cognitivo são funções fundamentais das emoções. Elas orientam a interpretação de eventos, afetando diretamente o processamento cognitivo e a tomada de decisões. A função motivadora das emoções, como destacado por diferentes modelos, é evidenciada na organização do comportamento e na explicitação de sinais sociais. Elas influenciam as ações do indivíduo, organizam processos cognitivos e comunicam informações importantes para o meio social (Campos & Barrett, 1987).

Emoções possibilitam comportamentos de aproximação ou retirada, contribuindo para a adaptação do indivíduo às demandas do ambiente. Essa dualidade comportamental, muitas vezes relacionada a estados emocionais, reflete a capacidade de ajuste às circunstâncias (Izard & Ackerman, 2004).

1.3. Regulação Emocional

A regulação emocional (ER) é um tópico abordado por alguns investigadores em psicologia, de forma distintas, dentre os quais podem-se destacar Thompson (1994), Gross (1998) e Aldao (2010) com as suas respectivas obras seminais de referência.

Ao desenvolver um modelo processual que identifica estratégias antecedentes e consequentes, Gross (1998b) enfatiza a regulação cognitiva e expressiva em diferentes contextos. Thompson (1994) concentra-se no desenvolvimento infantil, destacando a ER como fundamental desde a infância, com ênfase nas interações sociais e cuidado parental. Por outro lado, Aldao (2010) investiga estratégias de ER em várias populações clínicas, empregando uma abordagem meta-analítica para compreender padrões gerais e considerando a diversidade de estratégias em diferentes condições de saúde mental.

A partir dos conceitos abordados por esses autores, de forma sintética, pode-se dizer que a ER se refere ao processo pelo qual as pessoas monitoram, avaliam e modificam suas respostas emocionais para alcançar objetivos adaptativos. Portanto, a ER é essencial para o funcionamento adaptativo, pois permite regular a intensidade e a temporalidade das respostas emocionais em proporção à situação atual e aos objetivos pessoais.

1.3.1. Estratégias de Regulação Emocional

As estratégias de regulação emocional são competências que envolvem mudanças orientadas cognitivamente e comportamentais diante das emoções e aos seus processos de acordo com as demandas do ambiente (Gross, 2007). A diferenciação dessas estratégias pode ocorrer com base nos processos mais dominantes envolvidos. No grupo orientado para mudanças na cognição, a reavaliação cognitiva destaca-se, consistindo na reinterpretação de eventos para alterar sua significância emocional. Por outro lado, a ruminação envolve um foco repetitivo em pensamentos emocionais, muitas vezes ampliando a intensidade da emoção. (Thompson, 1994; Gross, 1998)

No âmbito das estratégias orientadas para mudanças comportamentais, incluem-se práticas como alimentação, exercícios, e uso de substâncias, nas quais o objetivo é modificar o estado emocional por meio de ações específicas. Além disso, a expressão emocional refere-se à liberação de emoções por meio de comunicação verbal, choro ou outras formas de expressão (Aldao et al. 2010).

Essas estratégias, por sua vez, podem depender de processos intrínsecos ou extrínsecos.

Estratégias intrínsecas, como a distração, envolvem desviar a atenção de estímulos emocionais, enquanto a supressão expressiva visa inibir ou controlar a expressão externa das emoções. Por outro lado, estratégias extrínsecas, como a busca de consolo, referem-se a procurar apoio social para lidar com as emoções, e a modelagem social envolve aprender e adotar estratégias emocionais por meio da observação do comportamento de outras pessoas (Thompson 1994).

Dentro desse contexto, a reavaliação cognitiva emerge como uma ferramenta fundamental no arsenal do Modelo Processual de Regulação Emocional de Gross (1998). Ao salientar a análise profunda das percepções e interpretações mais implícitas, a reavaliação cognitiva desempenha um papel fundamental na adaptação e refinamento das respostas emocionais. Este modelo não apenas reconhece a interconexão entre processos intrínsecos e extrínsecos, mas também promove uma compreensão mais profunda do que constitui uma reação emocional apropriada em um determinado contexto (Gross et al., 2006)

O estudo de Aldao et al. (2010) oferece uma análise abrangente das estratégias de regulação emocional em diferentes contextos psicopatológicos. Através de uma revisão meta-analítica, eles destacam que essas estratégias frequentemente envolvem mudanças na cognição e comportamento.

Neste construto cognitivo e comportamental, as crenças das pessoas moldam e impactam as suas escolhas de regulação emocional, e as evidências dessa modulação através das crenças podem causar mudanças fundamentais para regular eficazmente as emoções, adaptando as respostas emocionais às demandas do ambiente (Petrova et al., 2023).

Enfatizar a importância desses processos predominantes na regulação emocional trouxe uma relevância importante para a compreensão da modulação proposta neste estudo.

1.3.2. Desenvolvimento da Regulação Emocional na Adolescência

Durante a adolescência, os jovens estão expostos a uma maior complexidade emocional, incluindo elaboração de suas crenças, gestão de conflitos familiares, pressões sociais, formação de identidade e a exploração de relacionamentos românticos. (Riediger & Klipker, 2014).

O desenvolvimento da regulação emocional na adolescência é uma etapa determinante para a vida adulta. Nesse período, os adolescentes enfrentam um amplo cenário de experiências emocionais e desafios. A capacidade de compreender, expressar e regular as emoções torna-se fundamental para uma adaptação saudável e contribuem para o estabelecimento de relações interpessoais mais coesas.

Importantes estudos têm abordado o tema regulação emocional e a adolescência, por exemplo, Silk, Steinberg e Morris (2003), Larson, Moneta, Richards e Wilson (2002). O estudo de Silk, Steinberg e Morris (2003) examina a regulação emocional dos adolescentes em suas vidas diárias, investigando suas associações com sintomas depressivos e comportamentos problemáticos. Os resultados destacam a importância da regulação emocional na saúde mental e no comportamento dos adolescentes, sugerindo que estratégias eficazes de regulação emocional podem ser fundamentais para o bem-estar durante essa fase crucial do desenvolvimento. Por outro lado, Larson, Moneta, Richards e Wilson (2002) investigaram a continuidade, estabilidade e mudança na experiência emocional diária ao longo da adolescência. Seus resultados indicam padrões distintos de experiência emocional que mudam ao longo do tempo, sugerindo que a regulação emocional dos adolescentes está sujeita a flutuações naturais, mas também a mudanças mais significativas associadas ao desenvolvimento.

Portanto, investir no desenvolvimento saudável da regulação emocional durante a adolescência é essencial para promover a resiliência emocional, o bem-estar psicológico e o sucesso nas interações sociais ao longo da vida. Este período serve como uma base essencial para a construção de uma saúde emocional robusta e para a formação de adultos emocionalmente competentes (Rawana et al., 2014).

Em suma, as estratégias de regulação no adolescente são bem amplas e ao mesmo tempo complexas já que suas habilidades estão sendo aprendidas e amadurecidas em seu contexto. Além de ser um grande investimento, há de um grande desafio para moldar a saúde emocional e o sucesso nas relações dos adolescentes para que possam, com respostas emocionais mais coerentes, lidar com o estresse, compreender e comunicar emoções de maneira assertiva, ajustando às respostas emocionais mais adaptadas ao contexto. Estes são aspectos importantes que fazem parte da ontogenia no desenvolvimento do adolescente até sua idade adulta.

1.4. Modulação

1.4.1. Conceito de Modulação

O conceito de modulação é fundamental em várias áreas do conhecimento, incluindo neurociência, psicologia, física, música, engenharia e outras disciplinas. A modulação na neurociência e psicologia no geral refere-se à capacidade do sistema nervoso de ajustar a

atividade de seus componentes em resposta a estímulos internos e externos. Rolls e Deco (2010), Gross (2007), Mayberg e McMahon (2016) são importantes referências. Na física, a modulação refere-se à variação de uma grandeza de acordo com outra (Heisenberg, 1989). Na música, a modulação refere-se ao processo pelo qual ocorre uma mudança de tonalidade dentro de uma composição musical (Kostka & Payne, 2012). Na engenharia de telecomunicações, a modulação é usada para controlar uma grande variedade de sistemas, especialmente na transmissão de sinais (Proakis & Salehi, 2002).

Mais especificamente nesta última área, modulação é o processo no qual a informação transmitida numa comunicação é adicionada a ondas eletromagnéticas. O transmissor adiciona a informação numa onda especial de tal forma que poderá ser recuperada na outra parte através de um processo reverso chamado demodulação. A maioria dos sinais, da forma como são fornecidos pelo transmissor, não podem ser enviados diretamente através dos canais de transmissão, por exemplo, a voz humana. Consequentemente, é necessário modificar esse sinal através de uma onda eletromagnética portadora, cujas propriedades são mais convenientes aos meios de transmissão. A modulação é a alteração sistemática de uma onda portadora de acordo com a mensagem (sinal modulante), e pode incluir também uma codificação.

1.4.2. Regulação e Modulação Emocional

Pode-se dizer que não é fácil de se fazer a diferenciação entre regulação emocional e modulação emocional no âmbito da psicologia. A seguir, busca-se apresentar uma diferenciação entre um conceito e o outro de acordo com a literatura.

Regulação Emocional, como abordado anteriormente, refere-se ao processo pelo qual indivíduos influenciam a natureza, a intensidade e a duração de suas próprias emoções (Gross, 2015). Envolve estratégias conscientes ou automáticas para gerenciar as emoções, como reavaliação cognitiva, supressão emocional, busca de suporte social, entre outras (Thompson, 1994). A regulação emocional está centrada na autogestão das emoções e na adaptação às demandas do ambiente.

Por outro lado, a modulação emocional envolve a capacidade de ajustar ou regular sistemas complexos envolvidos nas respostas emocionais em relação a estímulos internos ou externos (Lewis, et. al. 2019). A modulação emocional é vista como como um aspecto da regulação emocional, mas por abranger processos de sistemas biológicos e neurais que contribuem para a expressão e a experiência emocional (Rolls & Deco, 2010). Isso inclui a regulação da intensidade emocional, a sensibilidade emocional e a capacidade de adaptar as

respostas emocionais de acordo com as demandas do ambiente.

A partir dos dois parágrafos anteriores, pode-se resumir que enquanto a regulação emocional se concentra principalmente nas estratégias e processos utilizados pelos indivíduos para gerenciar suas próprias emoções, a modulação emocional tem uma abordagem mais ampla, considerando também os fatores biológicos e ambientais que influenciam as respostas emocionais.

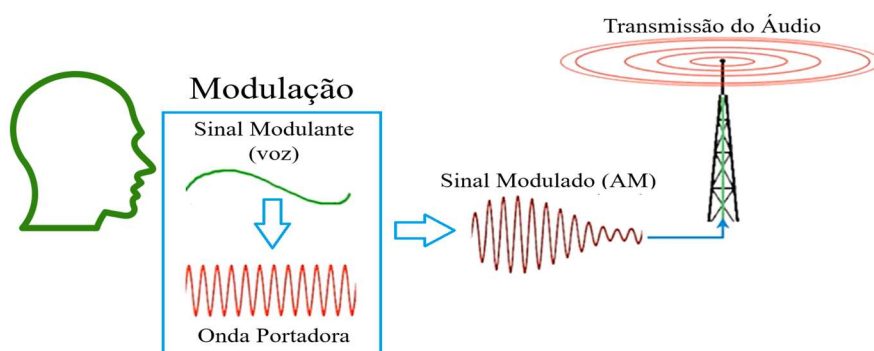
1.4.3. O Conceito de Modulação na Ciência das Emoções

Expandindo as linhas de pensamentos apresentadas sobre modulação, principalmente em como os processos de modulação são utilizados na psicologia e neurociência, este trabalho, de forma ainda não observada na literatura, visa abordar o conceito de modulação de maneira análoga ao utilizado na área de telecomunicações.

Nessa área, o resultado de um processo de modulação é a transmissão de uma mensagem de um sítio a outro. Por exemplo, deseja-se transmitir um sinal sonoro entre a cidade de Lisboa e a cidade de Sintra. Por si só, esse áudio (uma mensagem de voz) não é capaz de alcançar tamanha distância, sendo necessário um processo de modulação em amplitude (AM) ou frequência (FM). Assim, um sinal a ser enviado (áudio) é integrado a um outro sinal portador, que é uma onda eletromagnética. O sinal da onda portadora é considerado o sinal modulado e o sinal de áudio (mensagem de voz) é considerado o sinal modulante. Portanto, o resultado dessa modulação de sinal é a transmissão do sinal de áudio (Figura 1).

Figura 1

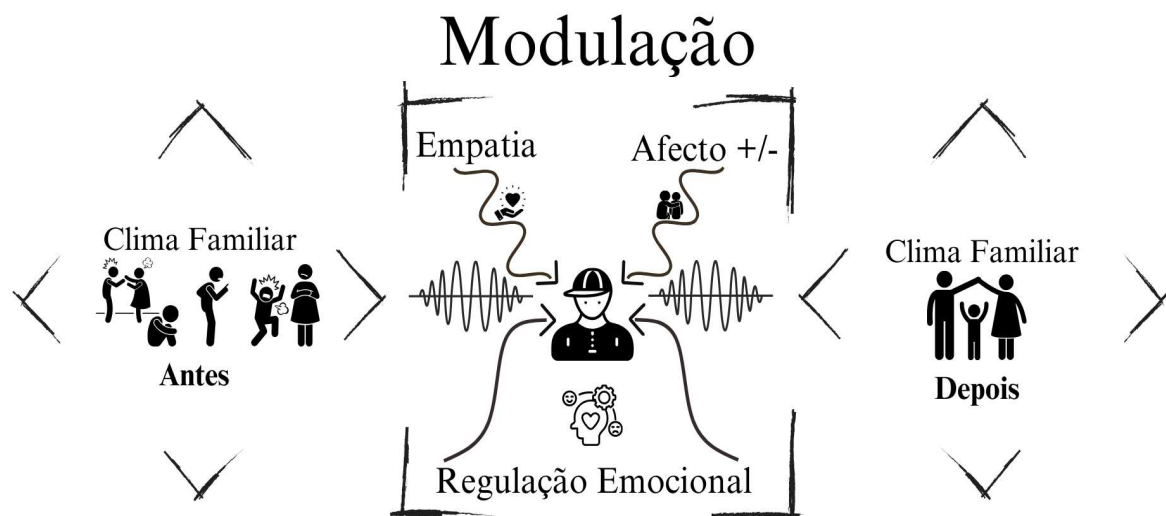
Modulação nas Telecomunicações: O sinal de voz (sinal modulante) inserido numa onda portadora, possibilita a transmissão do sinal



Em analogia ao processo de modulação nas telecomunicações, entende-se aqui o adolescente como um sinal a ser modulado (comparado à onda portadora) via os sinais modulantes que neste trabalho são a empatia e a regulação emocional (comparado à mensagem de voz). Logo, o impacto desse processo de modulação no adolescente pode ser observado na qualidade do clima familiar em que ele está inserido. Ao ser receptor de sinais modulantes, como empatia e regulação emocional, o adolescente absorve essas influências, que por sua vez reverberam no ambiente familiar. A Figura 2 apresenta um diagrama esquemático ilustrando essa abordagem.

Figura 2

Modulação na Ciência das Emoções: Modelo que unifica sistemas processuais de empatia, afeto positivo e negativo e regulação emocional (sinais modulantes) inserido no adolescente (onda portadora), possibilita impacto no clima familiar



Em trabalhos futuros, pretende-se expandir esse conceito para o processo de demodulação e remodulação, onde a partir da separação dos elementos modulantes (demodulação), pode-se executar um processo de ajustes nas componentes dos elementos modulantes (remodulação) junto ao adolescente (elemento a ser modulado), na busca por características que geram impactos positivos no clima familiar.

1.5. Empatia

1.5.1. Dimensões da Empatia

A análise multidimensional da empatia é complexa devido às suas diferenças individuais, mas também pode ter vários aspetos pró-sociais por se tratar de uma habilidade social que envolve múltiplos processos cerebrais para reconhecer as emoções alheias e responder de maneira apropriada (Davis, 1989).

Dado toda essa complexidade cerebral que envolve vários processos neuronais, pode-se dizer que a empatia refere-se à capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos de outras pessoas, ou seja, a capacidade de perceber com precisão como outra pessoa está se sentindo e compartilhar desse sentimento (Levenson & Ruef, 1992).

A empatia além de envolver a habilidade de perceber, entender e responder aos estados emocionais de outro, também permite uma pessoa sintonizar emocionalmente com as experiências de outro, estes componentes cognitivos e afetivos dos estados mentais (i.e. estados emocionais, convicções, intenções, pensamentos) se relacionam com a Teoria da Mente (Wellman, 1991).

As diferenças culturais também podem moldar a expressão e a interpretação da empatia. Por exemplo, em culturas que dão ênfase no coletivismo, as relações sociais podem ser influenciadas com a forma como a empatia é experienciada e expressada por seus indivíduos. A empatia pode ser exercida ao reconhecer e entender como fatores culturais influenciam não apenas características individuais, mas também características coletivas de uma sociedade, aos comportamentos pró-sociais, destacando como a empatia está ligada a ajudar e cooperar com os outros.(Chiao & Blizinsky, 2010).

Nos Estudos de Eisenberg e Miller (1987), a relação entre empatia e comportamento pró-social foi mediada por meio de imagens/histórias, encontrando uma associação relevante. Em Decety e Jackson (2004) a arquitetura funcional da empatia humana foi analisada, descrevendo os processos cognitivos e neurais envolvidos na experiência empática pró-social.

Ao investigar as raízes evolutivas e mecanismos neurais, Preston e Waal (2002) discutem as bases neuronais da empatia. As principais áreas cerebrais envolvidas na empatia incluem a ínsula anterior (IA) e o córtex cingulado dorsal-anterior/médio-cíngulo anterior (dACC/aMCC). Essas regiões desempenham papéis importantes na representação e integração

de informações afetivas e interoceptivas (Fan et. al., 2011).

Para uma compreensão mais ampla, considera-se que a empatia abrange as dimensões afetiva e cognitiva. Batson (2009) identifica e distingue oito fenômenos relacionados à empatia, oferecendo uma visão abrangente das diferentes manifestações desse construto emocional e cognitivo. Ao examinar as bases neurais e os processos subjacentes da empatia, Singer e Lamm (2009) definem que a empatia afetiva é a capacidade de sentir as emoções dos outros e compartilhar seus estados emocionais. Em relação a compreender e tomar para si a perspectiva mental dos outros, define-se a empatia cognitiva (Zaki & Ochsner, 2012).

Em suma, o conjunto desses trabalhos contribuem trazendo mais clareza sobre essa competência tão importante para o desenvolvimento psico-social humano. E foi sobre esse aspecto que essa competência deu-se por importante neste trabalho. Foi necessário isolar a variável empatia como sinal modulante para analisar como a dinâmica empática do adolescente, incluída no sistema de modulação emocional, influencia no clima familiar. Ou seja, para fornecer uma compreensão do impacto da empatia no portador, o adolescente, há a necessidade de focar especificamente na variável empatia para entender como ela influencia a dinâmica emocional dos adolescentes no clima familiar. Ao isolar a variável empatia, será possível analisar de forma mais precisa como essa competência atua como um sinal modulante no adolescente.

1.5.2. Desenvolvimento da Empatia em Adolescentes

O desenvolvimento das competências de empatia durante a adolescência é importantíssimo para a formação de habilidades sociais. Nesse período, os adolescentes estão consolidando suas capacidades sociais e aprendendo a lidar com as complexidades das relações interpessoais (Thompson & Gullone 2008).

A dinâmica funcional da empatia na adolescência é multidimensional, ou seja, a não é uma característica única e linear, mas sim um conjunto de habilidades, processos e respostas emocionais que desempenham diferentes funções na compreensão e na interação social (Hoffman, 1987).

Na perspectiva de sexo, Van der Graaff et. al. (2014) diz que existem diferenças entre a perspectiva e preocupação empática. Seu estudo revelou uma tendência para o aumento da capacidade de compreender e se preocupar com os outros ao longo da adolescência, com variações entre meninos e meninas.

Correlatos neurais da empatia e sua relação com comportamentos pró-sociais diários, demonstraram que a atividade neural associada à empatia pode prever a frequência e a qualidade das interações pró-sociais na vida cotidiana. (Morelli et. al., 2014).

Por outro lado, é por meio da empatia que o apego aos pais prediz comportamentos pró-sociais e antissociais durante a adolescência. Quando os níveis de empatia do adolescente à uma maior propensão a se envolver em comportamentos antissociais, incluindo crueldade animal (Thompson & Gullone 2008).

Adolescentes com alto e médio nível de empatia tendem apresentar um maior comprometimento na regulação emocional diante de conflitos com os pais, enquanto que os com baixo nível de empatia, menor comprometimento na regulação emocional (Van Lissa et al., 2017).

Segundo Kokkinos e Kipritsi (2012) a empatia cognitiva está relacionada positivamente com o ajustamento socioemocional do adolescente, ou seja, quanto mais profunda a compreensão das emoções e experiências dos outros, o envolvimento do adolescente com as emoções do outro.

A empatia parece desempenhar também um papel significativo na prevenção do bullying e na promoção de comportamentos pró-sociais, a relação entre empatia e bullying é multifacetada e influenciada por diversos fatores, incluindo o tipo de empatia cognitiva e afetiva e os diferentes tipos de bullying. (Kokkinos & Kipritsi, 2018)

De facto, segundo alguns os autores e a literatura existente a empatia atinge o seu pico de desenvolvimento durante a fase final da adolescência, por isso sua relevância.

1.6. Afeto Positivo e Afeto Negativo

O afeto positivo (AP) e o afeto negativo (AN) desempenham papéis essenciais no estado emocional dos adolescentes, com investigações demonstrando que AP está associado ao bem-estar e à estabilidade emocional, enquanto AN aumenta a vulnerabilidade a comportamentos agressivos e reativos, especialmente em jovens (Ortiz & López, 2024). Segundo Watson (1988), essas diferenças de afeto resultam em variações significativas na experiência emocional dos indivíduos.

Berry e Hansen (1996) explicam que pessoas com alto AP se veem como confiantes, entusiasmadas e animadas, ao passo que indivíduos com alto AN tendem a relatar emoções como culpa, nervosismo e medo. Essas características afetivas não apenas influenciam o bem-

estar emocional, mas também afetam a qualidade dos relacionamentos. Berry e Willingham (1997) descobriram que o AP elevado está relacionado à habilidade de evitar respostas destrutivas e de se envolver em respostas construtivas durante conflitos, o que contribui para uma melhor qualidade nos relacionamentos.

Além disso, os níveis de AP e AN podem variar em curto prazo, embora geralmente mantenham estabilidade a longo prazo, como observado por Wilson et al. (1998). No entanto, em relação ao AN, a maioria dos adolescentes podem experimentar altos níveis de emotividade negativa em momentos significativos de sua vida cotidiana (Larson et al., 2002; Lopes, 2023).

1.7. Clima Familiar

O clima familiar é uma parte fundamental do microssistema de acordo com a Teoria Ecológica de Sistemas proposta por Bronfenbrenner (1979). O microssistema consiste nos padrões de atividades, papéis e relações interpessoais experimentados por uma pessoa em desenvolvimento em um ambiente específico. O clima familiar, que se refere ao ambiente emocional e relacional dentro da família, é um componente significativo desse microssistema.

Dentro do contexto do microssistema, há consenso que o clima familiar influencia diretamente o desenvolvimento do indivíduo (Cummings & Davies, 2002; Conger & Donnellan, 2007). As interações, os padrões de comunicação, a coesão familiar, os conflitos e outros aspetos do clima familiar têm impacto na forma como uma pessoa cresce, aprende e se desenvolve. A qualidade das relações familiares, a presença de apoio emocional e a natureza das interações face a face são fatores importantes para entender como o microssistema, incluindo o clima familiar, afeta o desenvolvimento humano.

O clima familiar refere-se também a percepção que os membros de uma família têm em relação a diversas características dos seus relacionamentos interpessoais dentro do ambiente familiar. Essa percepção influencia a dinâmica familiar e pode ter impactos significativos no bem-estar emocional e no desenvolvimento dos seus integrantes. (Teodoro et. al., 2009).

Em suma, analisar individualmente o clima família do adolescente, além do conjunto teórico que já há na literatura exige identificar isoladamente as competências adquiridas pelo adolescente, neste estudo estamos isolando as competências de empatia e regulação emocional, para analisar o comportamento do portador, o adolescente.

1.7.1. Componentes do Clima Familiar

De acordo com a definição de Moos (1994), os componentes do clima familiar, incluem diferentes fatores distribuídos em três grandes categorias caracterizadas pelo autor como clima emocional positivo, dividido pelas subcategorias de coesão (i.e. proximidade emocional e a ligação afetiva entre os membros da família), a expressividade (i.e. quão livremente os membros expressam seus sentimentos e emoções) e por fim o conflito (i.e. presença e natureza dos conflitos na família),

O Clima Ativo é também dividido pelas subcategorias, independência (i.e. reflete até que ponto os membros da família são encorajados a expressar suas próprias opiniões e a tomar decisões de forma independente), Interesses Culturais (i.e. envolvimento da família em atividades culturais e educacionais) a assertividade (i.e. a capacidade dos membros da família para expressar suas opiniões de maneira direta) o lazer (i.e. valor atribuído à recreação e ao tempo livre) e a religião (i.e. papel da religião ou princípios morais na vida familiar).

O clima Autoritário-Normativo, dividido pelas subcategorias de organização (i.e. estrutura e ordem dentro da família e os padrões de interação) e o controle (i.e., grau de diretrizes e supervisão exercido pelos membros mais velhos sobre os mais jovens na família).

Já na categorização criada por Teodoro et al. (2009), o clima familiar é composto pelas quatro dimensões, conflito, hierarquia (polo negativo), apoio e coesão (polo positivo). Conflito diz respeito à relação agressiva, crítica e conflituosa entre os membros da família. Hierarquia é definida como uma distinção rígida de poder e de controle nas relações intergeracionais dentro da família. Apoio, por sua vez, refere-se à existência de suporte material e emocional entre as pessoas da família. Por fim, Coesão diz respeito ao vínculo emocional entre os membros da família.

São esses os componentes que abordaram os diferentes aspetos do clima familiar, contudo, ao correlacionar uso das estratégias de regulação emocional e as competências de empatia utilizadas pelos adolescentes, a categorização para definir o Clima Familiar para este estudo será conflito, hierarquia, apoio e coesão. Essa categorização visa proporcionar uma visão mais detalhada do clima emocional familiar, permitindo a identificação de padrões relevantes e uma compreensão aprofundada da dinâmica emocional principalmente da comunicação empática e da gestão de conflitos no clima familiar.

1.7.2. A Influência das estratégias de Regulação Emocional do Adolescente no Clima Familiar

No cenário complexo do desenvolvimento emocional na adolescência, as estratégias de regulação emocional adotadas pelo adolescente emergem como elementos fundamentais que não apenas moldam sua própria experiência emocional, mas também exercem uma influência profunda no clima familiar. Inicialmente, particular atenção é dada a reavaliação cognitiva, proposta por James Gross (1998), uma estratégia de regulação emocional que se concentra na reinterpretação cognitiva de eventos emocionalmente carregados (Gross, 1998b). Essa estratégia envolve a modificação das interpretações cognitivas de uma situação para influenciar as respostas emocionais associadas a ela. No contexto sobre a influência das estratégias de regulação emocional do adolescente no clima familiar, a reavaliação cognitiva de Gross é destacada como uma abordagem específica que os adolescentes podem adotar para lidar com suas emoções e, por extensão, influenciar o clima emocional familiar de maneira mais assertiva.

Ao adentrar mais a fundo no âmbito das estratégias de regulação emocional usadas pelos adolescentes, conforme sua faixa etária, a literatura entrelaça o clima familiar como um dos ambientes mais importantes nesse desenvolvimento. Investigações demonstraram que o auto-prejuízo deliberado na adolescência está associado a um clima emocional familiar negativo e a dificuldades na regulação emocional (Sim et al. 2009). Por outro lado, adolescentes de famílias de baixa renda podem desenvolver estratégias adaptativas de regulação emocional em resposta a um ambiente familiar desafiador (Criss et al., 2016). Além disso, tanto o clima emocional positivo quanto o negativo na família têm efeitos diferenciados na ansiedade e depressão dos jovens, sugerindo diferentes vias afetivas (Luebbe & Bell, 2014; Stocker et al. 2007). Recentemente, foi identificado um efeito indireto do clima familiar na depressão adolescente, mediado pelos processos de regulação emocional (Ogbaselase et al., 2022). Esses estudos destacam a importância do ambiente familiar e das estratégias de regulação emocional na saúde mental dos adolescentes.

1.7.3. A influência do afeto positivo e afeto negativo no Clima Familiar

O afeto pode ser visto como um sistema complexo de emoções, sentimentos e vínculos que se manifestam e evoluem nas interações diárias com o ambiente e as pessoas. Afeto não é apenas

uma resposta emocional, mas sim um processo dinâmico e relacional que se desenvolve continuamente em contextos familiares, escolares e sociais. Esse processo contribui significativamente para a saúde mental e o ajustamento psicossocial, especialmente durante a adolescência, fase em que o jovem está mais vulnerável e suscetível às influências do ambiente imediato e das relações interpessoais. (Diniz & Koller, 2010).

Em um clima familiar positivo, caracterizado por afeto positivo e validação, os adolescentes mostram melhor ajuste emocional e comportamento adaptativo, o que fortalece as relações familiares e fomenta resiliência em contextos adversos (Teodoro et al., 2014; Petrucci & Koller, 2016). Em contrapartida, o afeto negativo no ambiente familiar — expresso por meio de conflitos e tensões — está associado a problemas emocionais, como ansiedade e depressão, e pode prejudicar a capacidade de regulação emocional dos adolescentes (Matos et al., 2014; Silveira & Wagner, 2011).

Em um clima familiar positivo, os afetos positivos atuam como fatores protetivos, enquanto em um clima com maior afeto negativo eleva a vulnerabilidade a comportamentos de risco e a transtornos emocionais (Whittaker et al., 2011; Ortega-Barón et al., 2016).

Em suma, a análise do afeto revela sua importância fundamental no clima familiar, além de evidenciar como ele impacta diretamente o desenvolvimento emocional dos adolescentes. Ambientes familiares positivos, que oferecem suporte emocional e validação, podem promover respostas emocionais mais adaptativas. Em contrapartida, climas familiares negativos, permeados por conflitos e tensões, podem comprometer a capacidade de regulação emocional, aumentando a vulnerabilidade a transtornos emocionais.

1.7.4. A Influência das competências de empatia do Adolescente no Clima Familiar

No âmbito da adolescência, fase marcada por descobertas e transformações, as competências de empatia emergem como fatores essenciais no impacto significativo no clima familiar. Estudos indicam que os estilos de socialização parental estão relacionados à empatia e à conexão com a natureza dos jovens, com implicações para o ambientalismo (Musitu-Ferrer et al. 2019). Além disso, a disciplina parental restauradora e o apoio familiar estão associados a diferentes aspectos do comportamento de defesa contra o bullying, destacando a importância do clima familiar na prevenção da violência escolar (Valdes-Cuervo et al. 2018).

O clima motivacional no lar também influencia a atividade física, os resultados psicossociais e as relações familiares, sugerindo um impacto abrangente na saúde e no bem-estar dos adolescentes (Sorensen et al. 2021). Além disso, o ensino e o clima familiar

desempenham um papel fundamental na prevenção da violência escolar entre os pares, destacando a importância da intervenção educacional para promover um ambiente escolar seguro (Valdes-Cuervo et al. 2018).

A funcionalidade familiar modera a relação entre o comportamento pró-social e o clima escolar na adolescência, ressaltando o papel protetor de um ambiente familiar funcional na promoção de comportamentos adaptativos dos jovens (Moreno & Jurado, 2023). Esses achados destacam a interconexão complexa entre a regulação emocional, o ambiente familiar e o comportamento dos adolescentes, enfatizando a importância de considerar esses fatores na promoção do desenvolvimento saudável dos jovens.

Em suma, ao mapear a influência das competências de empatia nas variáveis que compõem o clima familiar, neste estudo, pretende-se entender como os níveis de empatia modulam os adolescentes, ou seja, como essas competências influenciam a forma como os adolescentes percebem, interagem e contribuem para formar o clima familiar de suas famílias.

1.8. Objetivos

1.8.1. Questão de Investigação

Há uma lacuna nos estudos sobre o conceito de modulação emocional, e este estudo busca conceituá-lo por meio de sistemas processuais de regulação emocional, empatia, afeto positivo e afeto negativo e clima familiar em adolescentes. Nesse contexto, tem-se a seguinte questão de investigação: De que forma a regulação emocional, afetos positivos e negativos e empatia do adolescente de diferentes idades e sexos atuam como sinais modulantes que influenciam o clima familiar?

Para responder a essa questão, foram consideradas abordagens da literatura que tratam separadamente das estratégias de regulação emocional do adolescente (Larson et al., 2002; Pedrini et al., 2020; Silk et al., 2003) e a empatia afetiva e cognitiva (Morelli et al., 2014; Portt et al., 2020; Van der Graaff et al., 2014), o afeto positivo e negativo (Ortiz & López, 2024) e o clima familiar (Allgayer et al., 2006; Moss, 1994; Teodoro et al., 2009). Também se destaca a importância da regulação emocional na facilitação da empatia e do comportamento pró-social (Benita et al., 2017; Laghi et al., 2018; Lockwood et al., 2014), assim como a complexidade das interações entre regulação emocional, empatia e comportamento pró-social.

Esse contexto teórico surge para compreender que, no campo das Ciências das Emoções, a modulação emocional que neste trabalho compõe o adolescente, a regulação emocional, o afeto positivo e negativo a empatia (i.e., afetiva e cognitiva), e o clima familiar dos adolescentes ainda não foi explorada.

A questão de investigação proposta permite explorar a complexa interação entre os diferentes componentes da modulação emocional e o impacto que eles têm no clima familiar, levando em consideração as variações que podem ocorrer no decorrer da vida humana.

1.8.2. Hipóteses

Para avançar para estudos futuros sobre a Modulação na Ciência das Emoções, neste estudo, pretende-se responder as seguintes hipóteses:

H1: Os adolescentes mais velhos recorrem mais à reavaliação cognitiva em comparação com adolescentes mais novos.

H2: A reavaliação cognitiva e a empatia associam-se positivamente com o clima familiar dos adolescentes.

H3: As raparigas recorrem mais à supressão emocional em comparação com rapazes.

H4: O afeto negativo tem uma correlação negativa com a modulação da regulação emocional, da empatia e o clima familiar dos adolescentes.

H5: O afeto positivo tem uma correlação positiva com a modulação da regulação emocional, a empatia e o clima familiar dos adolescentes.

H6: A empatia medeia a relação entre regulação emocional e o clima familiar dos adolescentes.

De forma a realizar uma primeira análise do clima familiar em que os adolescentes estão inseridos em sua modulação atual, deseja-se com este estudo identificar níveis dos elementos modulantes (regulação emocional, afeto positivo e negativo e empatia) e obter uma indicação importante da percepção do adolescente sobre o clima familiar que está envolvido.

Capítulo 2

Método

2.1. Participantes

A amostra era constituída por um total de 114 adolescentes, dos quais a maioria era do sexo feminino (93%), de nacionalidade brasileira (86%) e com Ensino Secundário (43.9%). Os adolescentes mais velhos (15-17 anos) representavam 50.1% do total de respostas.

Esses dados sociodemográficos estão organizados no Quadro 1, detalhando as principais características da amostra de adolescentes.

Quadro 1

Caracterização Sociodemográfica dos Participantes Total e por Grupo

	Mais novos (N = 56)		Mais velhos (N = 58)		Total	
	N	%	N	%	N	%
Sexo						
Masculino	5	8,9	2	3,4	7	6,1
Feminino	51	91,1	55	94,8	106	93,0
Não quero responder	0	0,0	1	1,7	1	0,9
País						
Brasil	48	85,7	50	86,2	98	86,0
Portugal	8	14,3	8	13,8	16	14,0
Escolaridade						
Ensino Básico 1º Ciclo: 1º ao 4º ano	1	1,8	0	0,0	1	0,9
Ensino Básico 2º Ciclo: 5º e 6º ano	2	3,6	0	0,0	2	1,8
Ensino Básico 3º Ciclo: 7º ao 9º ano	32	57,1	5	8,6	37	32,5
Ensino Secundário 10º ao 12º ano	4	3,6	46	19,0	50	43,9
Fundamental 6º ao 9º ano	17	30,4	7	12,1	24	21,1

2.2. Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste estudo foram selecionados com o intuito de compreensão ampla e detalhada dos fenômenos estudados que contemplam variáveis como regulação emocional, afetos positivos e negativos, empatia, e clima familiar. Para garantir a confiabilidade dos dados coletados, foram analisados os coeficientes de consistência interna (Alfa de Cronbach) de cada escala e subescala, cujos valores reforçam a robustez das medidas empregadas.

A confiabilidade dos dados é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1

Consistência Interna das Escalas e Subescalas em Estudo

	Alfa de Cronbach	N de itens
ERQ-CA	,716	10
ERQ-CA - Reavaliação Cognitiva	,805	6
ERQ-CA - Supressão Expressiva	,641	4
BES-A	,626	7
BES-A - Afetiva	,559	3
BES-A - Cognitiva	,788	4
ICF	,704	22
ICF - Conflito	,878	6
ICF - Hierarquia	,811	6
ICF - Apoio	,820	5
ICF - Coesão	,886	5
PANAS-VRP	,769	20
PANAS-VRP - Afetos Positivos	,849	10
PANAS-VRP - Afetos Negativos	,841	10

2.2.1. Questionário de regulação emocional para crianças e adolescentes (ERQ-CA).

Gross e John (2003) desenvolveram a Escala de Regulação Emocional para avaliar estratégias individuais de regulação emocional em adultos. Esta escala está entre os principais modelos de

regulação emocional. Neste modelo é descrito cinco pontos propícios para a regulação dos afetos: seleção da situação, modificação da situação, desvio da atenção, mudança cognitiva e modificação de resposta emocional.

O questionário *Emotion Regulation Questionnaire for Children and Adolescents* (ERQ-CA) de Gullone e Taffe (2012) avalia duas estratégias: reavaliação cognitiva e supressão emocional. Há adaptação e validação dessa escala em diferentes culturas, como a versão portuguesa realizada por Coutinho et al. (2010) e a aplicação à adolescentes por Pinheiro (2018) que possibilitaram sua utilidade globalmente.

Para esta dissertação, foi utilizado o instrumento ERQ-CA, uma medida autorelatada composta por 10 itens que se agrupam em duas subescalas de autorelato a reavaliação cognitiva, constituída por 6 itens (e.g. *"Quando estou preocupado com algo, eu tento pensar em formas de me fazer sentir melhor"*) e a supressão emocional, constituída por 4 itens (e.g. *"Guardo meus sentimentos para mim mesmo"*) (Gullone & Taffe, 2012).

Os itens são pontuados em uma escala likert de 5 pontos, variando *"Nunca ou quase nunca"* a *"Sempre ou quase sempre"*. É importante salientar que os dois factores (reavaliação e supressão) são independentes, o que indica que os indivíduos que usam frequentemente uma estratégia não são mais ou menos propensos a usar a outra, ou seja, os indivíduos usam tanto uma estratégia como outra em vários graus.

No estudo de Gullone e Taffe (2012) o coeficiente de consistência interna, alpha de Cronbach, para reavaliação cognitiva é de $\alpha = .79$ e a supressão emocional é de $\alpha = .73$. Neste estudo a escala teve uma consistência interna, para a reavaliação cognitiva de $\alpha = .80$ e para a supressão emocional $\alpha = .64$.

2.2.2. Escala de Empatia Básica versão breve adaptada (BES-A)

Em relação à empatia em adolescentes, tem-se a Escala de Empatia Básica (BES), desenvolvida por Jolliffe e Farrington (2006). Essa escala é uma medida autorrelatada composta por 20 itens, projetada para avaliar empatia afetiva e cognitiva em adolescentes. Sua utilidade reside na capacidade de distinguir entre essas duas dimensões da empatia, permitindo uma compreensão mais abrangente das habilidades empáticas dos indivíduos. Cada item é pontuado em uma escala likert de 5 pontos, variando de *"Discordo totalmente"* a *"Concordo totalmente"*, com pontuações mais altas indicando níveis mais elevados de empatia. Na presente investigação foi utilizada a versão portuguesa da BES e a sua correspondente versão breve de sete itens

designada por BES-A que mantém a estrutura de dois fatores (Pechorro, Ray et al, 2015; Pechorro, Kahn et al., 2017).

No estudo original da Escala os valores encontrados para o coeficiente de consistência interna alpha de Cronbach, para a empatia afetiva é de $\alpha = .85$ e para a empatia cognitiva é de $\alpha = .79$. Neste estudo a escala teve uma consistência interna de $\alpha = .56$ para empatia afetiva e $\alpha = .79$ para empatia cognitiva.

2.2.3. Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes

Em se tratando de escalas para avaliar a dinâmica familiar, pode-se citar a Escala de Clima Familiar (FES) (Moos & Moos, 1994), e na versão em português abrangida pelo trabalho de Vianna et al. (2007). De forma autorrelatada, essa escala aborda aspetos como coesão, conflito e expressão afetiva, fornecendo uma compreensão abrangente do ambiente familiar. Há uma versão que foi adaptada para adolescentes portugueses, o estudo de Pereira et al. (2020) onde foram examinados os fatores coesão e flexibilidade familiar. Mas para esta investigação destaca-se a importância de compreender a dinâmica familiar para o bem-estar dos adolescentes e por este motivo foi utilizado de forma autorrelatada o inventário na versão em português do ICF para adolescentes de Teodoro et.al. (2009), com 22 itens de autorrelato que agrupam 4 subescalas: conflito com 6 itens (e.g. *"Resolver problemas significa discussão e brigas"*); hierarquia com 6 itens (e.g. *"Os mais velhos mandam mais"*); apoio com 5 itens (e.g. *"Ajudamos financeiramente uns aos outros"*); e coesão com 5 itens (e.g. *"As pessoas se sentem próximas umas das outras"*).

Cada item para esta dissertação é pontuado em uma escala likert de 5 pontos, variando de *"nunca"* a *"frequentemente"*. No estudo de Teodoro et.al. (2009) os valores encontrados para o coeficiente de consistência interna alpha de Cronbach (α), pontuaram $\alpha = .84$ para Conflito $\alpha = .71$ para Hierarquia, $\alpha = .71$ para Apoio e $\alpha = .82$ para Coesão. Já neste estudo o coeficiente de consistência interna é de Conflito $\alpha = .89$, Hierarquia $\alpha = .81$, Apoio $\alpha = .82$ e Coesão $\alpha = .88$.

2.2.4. Positive and Negative Affect Schedule PANAS – versão portuguesa reduzida

A Escala de Afeto positivo e Afeto Negativo - versão portuguesa reduzida (PANAS, Galinha & Pais-Ribeiro, 2005) permite medir tanto os afetos positivos quanto os afetos negativos

experimentados por um indivíduo em suas experiências. Essa escala é uma medida autorrelatada composta por 20 itens, projetada para avaliar as subescalas de 10 itens de afeto positivo (e.g. "*Interessado*") e 10 itens de afeto negativo (e.g. "*culpado*"). Cada item é pontuado em uma escala likert de 5 pontos, variando de "Nada ou ligeiramente" a "Extremamente".

Na escala de Galinha e Pais-Ribeiro (2005) os valores encontrados para o coeficiente de consistência interna alpha de Cronbach, quanto aos Afetos Positivos foi de $\alpha = .86$ e quanto aos Afetos Negativos foi de $\alpha = .89$. Neste estudo, o coeficiente de consistência interna alpha de Cronbach para os afetos positivos foi de $\alpha = .85$ enquanto que para os afetos negativos pontuou um $\alpha = .84$.

2.2.5. Caracterização Sociodemográfica

O instrumento incluiu informações sobre a idade dos adolescentes, o sexo, a escolaridade e a nacionalidade. Além disso, para identificar os seus respectivos adolescentes, um breve questionário sociodemográfico com informações de idade do educando (a) e o grau de parentalidade foi preenchido pelos representantes legais e encarregados de educação. Tais elementos foram necessários do perfil dos participantes para analisar como essas variáveis podem influenciar as questões abordadas neste estudo.

2.3. Procedimentos

2.3.1. Recolha de Dados

A recolha de dados foi realizada exclusivamente *online*, utilizando a plataforma Qualtrics para o envio do inquérito. O processo iniciou-se com a distribuição de um link contendo o inquérito e o consentimento informado aos representantes legais ou encarregados de educação dos adolescentes, através de redes sociais, como Instagram e Facebook, com o objetivo de maximizar o alcance da participação.

Ao acederem ao link, os representantes legais tinham acesso ao termo de consentimento informado, que explicava o objetivo do estudo e garantia a confidencialidade dos dados. Após lerem e aceitarem o consentimento, os responsáveis forneceram informações demográficas básicas e, de seguida, os adolescentes puderam continuar o preenchimento das escalas, após também confirmarem sua participação por meio de um assentimento informado.

Após responderem um breve questionário sociodemográfico, no qual foram coletadas informações como sexo, idade, nacionalidade e escolaridade, os adolescentes responderam a quatro escalas de autorelato: a Escala de Regulação Emocional em Contextos Acadêmicos (ERQ-CA), a Escala de Empatia Básica para Adolescentes (BES-A), a Escala de Afeto Positivo e Negativo (PANAS-VRP) e o Inventário do Clima Familiar (ICF). O inquérito teve uma duração aproximada de 15 minutos, sendo concluído com um *debriefing* para fornecer informações adicionais e garantir a conformidade dos termos aos participantes.

2.3.2. Tratamento de Dados

Após a recolha dos dados, primeiramente foi feita uma minuciosa análise para eliminar os participantes que não preencheram devidamente o consentimento informado, conduzindo à exclusão das suas respostas. Da mesma forma, foram eliminadas as respostas daqueles que não completaram o inquérito na totalidade. Os dados válidos foram exportados diretamente da plataforma Qualtrics para o software Microsoft Excel, onde foram organizados para uma inspeção inicial. Nessa fase, foi realizada a limpeza de dados, corrigindo eventuais erros, como entradas duplicadas ou valores ausentes, e garantindo que todas as variáveis estavam adequadamente codificadas.

Posteriormente, os dados foram importados para o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 28. No SPSS, foram realizadas análises descritivas iniciais para caracterizar a amostra com base nas variáveis sociodemográficas. Essas análises incluíram o cálculo de medidas de tendência central (média, mediana) e dispersão (desvio padrão).

Além das análises descritivas, foi realizada uma análise do alfa de Cronbach para avaliar a confiabilidade dos instrumentos utilizados no estudo. Essa análise permitiu verificar a consistência interna das escalas aplicadas. Foram também feitas análises inferenciais para testar as hipóteses da investigação. Aplicaram-se o coeficiente de correlação de Pearson para avaliar associações entre as variáveis (regulação emocional, empatia, afeto positivo e afeto negativo e clima familiar), testes t de Student para comparar diferenças entre grupos de sexo, e análises de variância (ANOVA) para examinar diferenças significativas entre variáveis categóricas. Esses procedimentos estatísticos permitiram identificar padrões e relações significativas entre as variáveis do estudo, fundamentando as conclusões da investigação.

Capítulo 3

Resultados

3.1. Análise Estatística

A seguir, são apresentados as análises estatísticas do estudo, com o objetivo de descrever as características da amostra e analisar as variáveis envolvidas na investigação. Esta seção inclui estatísticas descritivas e o teste de normalidade da amostra e demais análises realizadas para responder às questões de pesquisa e testar as hipóteses propostas, fornecendo uma visão geral dos resultados obtidos e sua relevância para o entendimento do tema estudado.

3.1.1. Escala e Subescalas

Na tabela 2 estão os dados descritivos (médias e desvios-padrão) calculados e suas respectivas subescalas que identificaram os padrões predominantes da amostra.

Tabela 2*Dados Descritivos das Escalas e Subescalas em Estudo*

	Média (M)	Desvio padrão (DP)	Mínimo	Máximo
ERQ-CA-Reavaliação Cognitiva	2,9033	,85823	1,33	5
ERQ-CA- Supressão Expressiva	2,9031	,89142	1	5
ERQ-CA	2,9092	,66598	1,5	4,7
BES-A - Afetiva	2,9524	,75376	1	5
BES-A - Cognitiva	3,1837	1,02893	2	5
BES-A	2,1592	,47382	1,1	3,5
ICF - Conflito	2,9133	1,39448	1	6
ICF - Hierarquia	3,6480	1,31536	1,17	6
ICF - Apoio	3,7959	1,26131	1	6
ICF - Coesão	4,4245	1,17052	1,60	6
ICF	3,6577	,63028	1,91	5,14
PANAS-VRP-Afetos Positivos	2,6367	,79215	1	4,70
PANAS-VRP-Afetos Negativos	2,3276	,75951	1	4,30
PANAS-VRP	2,4821	,51143	1,15	3,90

Na Tabela 3 para verificar a normalidade dos dados e garantir a precisão e confiabilidade dos resultados e conclusões do estudo, realizou-se o teste de normalidade utilizando o teste de Kolmogorov-Smirnov.

Tabela 3*Teste de Normalidade das Escalas e Subescalas em Estudo*

	Kolmogorov-Smirnov			Assimetria	Curtose
	Estatística	gl	p		
ERQ-CA - Reavaliação Cognitiva	,126	112	,000***	,263	-,756
ERQ-CA - Supressão Expressiva	,119	112	,002**	,181	-,721
ERQ-CA	,087	112	,065	,364	-,399
BES-A - Afetiva	,107	112	,008**	,143	,493
BES-A - Cognitiva	,153	112	,000***	,612	-,926
BES-A	,121	112	,001**	,415	-,088
ICF - Conflito	,143	112	,000***	,375	-1,000
ICF - Hierarquia	,076	112	,183	-,112	-,948
ICF - Apoio	,093	112	,036*	-,234	-,819
ICF - Coesão	,128	112	,000***	-,545	-,539
ICF	,056	112	,200	-,209	,119
PANAS-VRP - Afetos Positivos	,069	112	,200	-,004	-,210
PANAS-VRP - Afetos Negativos	,094	112	,033*	,470	-,264
PANAS-VRP	,082	112	,098	,026	,532

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

3.1.2. Análise Correlacional e Comparativa

Na tabela 4 temos por aplicação do teste correlação de Pearson, com um nível de significância de 5%, tendo em conta as escalas e subescalas, os resultados apresentaram uma correlação positiva significativa entre a escala ERQ-CA e suas subescalas, bem como com a escala PANAS-VRP e a subescala de afetos positivos. Adicionalmente, a subescala de reavaliação cognitiva apresentou uma correlação positiva com a subescala de afetos positivos, enquanto a subescala de supressão expressiva correlacionou-se positivamente com a subescalas de conflito e de afetos negativos, e negativamente com as subescalas de apoio e coesão.

Além disso, a escala BES-A apresentou uma correlação positiva com suas subescalas, indicando uma consistência entre os diferentes componentes desta escala. A BES-A também se correlacionou positivamente com a escala ICF, sugerindo uma relação entre a empatia (avaliada pela BES-A) e o clima familiar (avaliado pela ICF). No entanto, a subescala afetiva da BES-A não mostrou correlação significativa com nenhuma outra escala ou subescala. Por

outro lado, a subescala cognitiva da BES-A apresentou correlação positiva com a escala ICF e com a PANAS-VRP, sugerindo que o componente cognitivo da empatia pode estar relacionado tanto ao clima familiar quanto aos afetos.

Conforme as Tabelas 5, Tabela 6, Tabela 7 e Tabela 8, foram também realizados testes comparativos T-Student para investigar as diferenças entre os sexos e idades nas escalas e subescalas. Os resultados da magnitude de efeito do teste comparativo foram avaliados utilizando a estatística d de Cohen.

Tabela 4

Correlação de Pearson entre Escalas e Subescalas em Estudo

	ERQ-CA	ERQ-CA Reavaliação Cognitiva	ERQ-CA Supressão Expressiva	BES-A	BES-A Afetiva	BES-A Cognitiva	ICF	ICF Conflito	ICF Hierarquia	ICF Apoio	ICF - Coesão	PANAS VRP	PANAS- VRP Afetos Positivos
ERQ-CA-Reavaliação Cognitiva	,851 (,000)												
ERQ-CA - Supressão Expressiva	,614 (,000)	,107 ,264											
BES-A	,086 ,368	,116 ,226	-,037 ,700										
BES-A - Afetiva	-,070 ,461	-,033 ,733	-,113 ,234	,469 (,000)									
BES-A - Cognitiva	,129 ,177	,144 ,132	,015 ,876	,878 (,000)	-,011 ,906								
ICF	-,090 ,361	-,066 ,508	-,118 ,231	,254 (,009)	,022 ,823	,277 (,004)							
ICF - Conflito	,107 ,262	-,035 ,714	,226 (,017)	,031 ,742	-,017 ,861	,043 ,654	,577 (,000)						
ICF - Hierarquia	-,019 ,839	-,138 ,147	,162 ,086	,096 ,313	,005 ,954	,103 ,277	,661 (,000)	,641 (,000)					
ICF - Apoio	-,118 ,218	,092 ,336	-,377 (,000)	,173 ,068	,039 ,679	,178 ,061	,309 (,001)	-,435 (,000)	-,392 (,000)				
ICF - Coesão	-,158 ,105	,041 ,679	-,387 (,000)	,168 ,084	,011 ,910	,187 ,053	,319 (,001)	-,460 (,000)	-,329 (,001)	,747 (,000)			
PANAS-VRP	,241 (,012)	,180 ,064	,170 ,079	,182 ,060	-,018 ,853	,209 ,030	,259 (,009)	,206 (,032)	,175 ,069	,037 ,706	,074 ,455		
PANAS-VRP - Afetos Positivos	,228 (,018)	,393 (,000)	-,166 ,084	,150 ,119	,066 ,490	,130 ,178	,068 ,494	-,124 ,199	-,127 ,185	,220 (,021)	,283 (,004)	,684 (,000)	
PANAS-VRP - Afetos Negativos	,073 ,445	-,172 ,072	,390 (,000)	,090 ,347	-,111 ,243	,155 ,103	,277 (,004)	,405 (,000)	,367 (,000)	-,191 (,044)	-,197 (,042)	,650 (,000)	-,109 ,258

Nota. Os valores entre parênteses correspondem aos valores de p.

Tabela 5*Teste Comparativo nas Escalas e Subescalas, tendo em Conta o Sexo*

	sexo	N	Média	Desvio Padrão	t	gl	p
ERQ-CA-	Masculino	10	2,4500	,58926	-2,371	107	,020*
	Feminino	99	2,9394	,62496			
ERQ-CA-	Masculino	10	2,5000	,63343	-1,572	107	,119
Reavaliação Cognitiva	Feminino	99	2,9377	,85535			
ERQ-CA Supressão	Masculino	10	2,3750	,78395	-2,056	108	,042
Expressiva	Feminino	100	2,9600	,86436			
BES-A	Masculino	9	2,1556	,59184	,139	108	,889
	Feminino	101	2,1327	,46111			
BES-A - Afetiva	Masculino	10	3,1667	,87841	1,021	109	,310
	Feminino	101	2,9109	,74370			
BES-A - Cognitiva	Masculino	9	3,0556	1,12346	-,259	108	,796
	Feminino	101	3,1485	1,02236			
ICF	Masculino	10	3,6591	,27294	,270	102	,788
	Feminino	94	3,6035	,64263			
ICF - Conflito	Masculino	10	1,9000	,59421	-2,308	108	,023*
	Feminino	100	2,9467	1,41716			
ICF - Hierarquia	Masculino	10	3,3000	,97436	-,759	109	,450
	Feminino	101	3,6287	1,33268			
ICF - Apoio	Masculino	10	4,7000	,89069	2,536	108	,013*
	Feminino	100	3,6740	1,24549			
ICF - Coesão	Masculino	10	5,1600	,72296	2,075	104	,040*
	Feminino	96	4,3313	1,23760			
PANAS-VRP	Masculino	10	2,1250	,56728	-2,383	104	,019*
	Feminino	96	2,5250	,49889			
PANAS-VRP-	Masculino	10	2,7800	1,04966	,489	105	,626
Afetos Positivos	Feminino	97	2,6526	,75417			
PANAS-VRP-	Masculino	10	1,4700	,42960	-3,884	108	,000***
Afetos Negativos	Feminino	100	2,3700	,71823			

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Tabela 6*Magnitude de Efeito do Teste Comparativo Tendo em Conta o Sexo*

		Estimativa de ponto	Intervalo de Confiança 95%	
			Inferior	Superior
ERQ-CA	d de Cohen	-,787	-1,444	-,126
ERQ-CA - Reavaliação Cognitiva	d de Cohen	-,522	-1,175	,134
ERQ-CA - Supressão Expressiva	d de Cohen	-,682	-1,337	-,024
BES-A	d de Cohen	,048	-,633	,730
BES-A - Afetiva	d de Cohen	,338	-,314	,989
BES-A - Cognitiva	d de Cohen	-,090	-,772	,592
ICF	d de Cohen	,090	-,562	,742
ICF - Conflito	d de Cohen	-,765	-1,422	-,106
ICF - Hierarquia	d de Cohen	-,252	-,902	,400
ICF - Apoio	d de Cohen	,841	,180	1,499
ICF - Coesão	d de Cohen	,690	,030	1,346
PANAS-VRP	d de Cohen	-,792	-1,450	-,130
PANAS-VRP - Afetos Positivos	d de Cohen	,163	-,489	,813
PANAS-VRP - Afetos Negativos	d de Cohen	-1,288	-1,958	-,613

Tabela 7*Teste Comparativo nas Escalas e Subescalas, tendo em Conta a Idade por Grupo*

	Idade	N	Média	Desvio Padrão	t	gl	p
ERQ-CA	Mais novos	54	2,7556	,55173	-2,344	109	,021*
	Mais velhos	57	3,0386	,70654			
ERQ-CA- Reavaliação Cognitiva	Mais novos	54	2,6327	,75401	-3,246	109	,002**
	Mais velhos	57	3,1374	,87578			
ERQ-CA Supressão Expressiva	Mais novos	54	2,9398	,81399	,105	110	,917
	Mais velhos	58	2,9224	,93331			
BES-A	Mais novos	54	2,1389	,44059	-,009	110	,993
	Mais velhos	58	2,1397	,50260			
BES-A - Afetiva	Mais novos	55	2,9818	,74375	,689	111	,492
	Mais velhos	58	2,8851	,74810			
BES-A - Cognitiva	Mais novos	54	3,1204	,88985	-,328	110	,743
	Mais velhos	58	3,1853	1,17313			
ICF	Mais novos	49	3,5622	,52925	-1,079	103	,283
	Mais velhos	56	3,6956	,71044			
ICF - Conflito	Mais novos	55	2,7970	1,39321	-,911	110	,364
	Mais velhos	57	3,0409	1,43934			
ICF - Hierarquia	Mais novos	55	3,7091	1,34188	,478	111	,633
	Mais velhos	58	3,5920	1,26089			
ICF - Apoio	Mais novos	54	3,5852	1,16739	-1,568	110	,120
	Mais velhos	58	3,9517	1,29740			
ICF - Coesão	Mais novos	50	4,4160	1,05741	,128	105	,899
	Mais velhos	57	4,3860	1,33463			
PANAS-VRP	Mais novos	52	2,4837	,56549	-,244	106	,808
	Mais velhos	56	2,5080	,47278			
PANAS-VRP- Afetos Positivos	Mais novos	52	2,6346	,80899	-,269	107	,789
	Mais velhos	57	2,6754	,77650			
PANAS-VRP Afetos Negativos	Mais novos	55	2,3018	,83477	-,169	110	,866
	Mais velhos	57	2,3263	,69037			

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Tabela 8

Magnitude de Efeito do Teste Comparativo tendo em Conta a Idade por Grupo

		Estimativa	Intervalo de Confiança 95%	
		de ponto	Inferior	Superior
ERQ-CA	d de Cohen	-,445	-,821	-,067
ERQ-CA - Reavaliação Cognitiva	d de Cohen	-,616	-,996	-,234
ERQ-CA - Supressão Expressiva	d de Cohen	,020	-,351	,390
BES-A	d de Cohen	-,002	-,372	,369
BES-A - Afetiva	d de Cohen	,130	-,240	,499
BES-A - Cognitiva	d de Cohen	-,062	-,433	,309
ICF	d de Cohen	-,211	-,595	,174
ICF - Conflito	d de Cohen	-,172	-,543	,199
ICF - Hierarquia	d de Cohen	,090	-,279	,459
ICF - Apoio	d de Cohen	-,296	-,668	,077
ICF - Coesão	d de Cohen	,025	-,355	,404
PANAS-VRP	d de Cohen	-,047	-,424	,331
PANAS-VRP-Afetos Positivos	d de Cohen	-,052	-,427	,325
PANAS-VRP-Afetos Negativos	d de Cohen	-,032	-,402	,339

3.2. Hipóteses:

3.2.1. Hipótese 1: Os adolescentes mais velhos recorrem mais à reavaliação cognitiva, em comparação com adolescentes mais novos.

Os adolescentes mais velhos obtêm valores mais elevados de reavaliação cognitiva (3.03 vs 2.59), sendo a diferença estatisticamente significativa, $t(111) = -2.489, p = .014$.

Confirma-se a hipótese enunciada (Tabela 9).

Tabela 9*Comparação por Idade*

	Mais novos		Mais velhos		Sig.
	M	DP	M	DP	
Reavaliação Cognitiva	2,59	,91	3,03	,98	.014*

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$. Nota. M = Média; DP = Desvio padrão.

3.2.2. Hipótese 2: A reavaliação cognitiva e a empatia associam-se positivamente com o clima familiar dos adolescentes.

Os coeficientes de correlação entre a reavaliação cognitiva e empatia e o clima familiar dos adolescentes não são estatisticamente significativos ($p > .05$).

Não se confirma a hipótese enunciada (Tabela 10).

Tabela 10*Coefficientes de Correlação*

	BES-total	BES-A- Afetiva	BES-A - Cognitiva	Reavaliação Cognitiva
ICF - Conflito	,031	-,017	,043	-,089
ICF - Hierarquia	,096	,005	,103	-,117
ICF - Apoio	,173	,039	,178	,085
ICF - Coesão	,168	,011	,187	,062

3.2.3. Hipótese 3: As raparigas recorrem mais à supressão emocional em comparação com rapazes.

As adolescentes obtêm valores mais elevados de supressão emocional (2.96 vs 2.38), sendo a diferença estatisticamente significativa, $t(108) = -2.056$, $p = .042$.

Confirma-se a hipótese enunciada (Tabela 11).

Tabela 11*Comparação por Sexo*

	Masculino		Feminino		Sig.
	M	DP	M	DP	
Reavaliação Cognitiva	2,38	,78	2,96	,86	.042*

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$. *Nota.* M = Média; DP = Desvio padrão.

3.2.4. Hipótese 4: O afeto negativo tem uma correlação negativa com a modulação da regulação emocional, da empatia e com o clima familiar dos adolescentes.

Encontraram-se coeficientes de correlação positiva com os afetos negativos e as dimensões conflito ($r = .371, p < .001$) e hierarquia ($r = .337, p < .001$) do clima familiar, e coeficientes de correlação negativos com as dimensões apoio ($r = -.221, p = .021$), coesão ($r = -.205, p = .036$) do clima familiar e com a Supressão Expressiva ($r = -.386, p < .001$).

Confirma-se parcialmente a hipótese enunciada. (Tabela 12).

Tabela 12*Coefficientes de Correlação*

	Afetos Negativos
BES-total	,088
BES-A - Afetiva	-,094
BES-A - Cognitiva	,146
ICF - Conflito	,371***
ICF - Hierarquia	,337***
ICF - Apoio	-,221*
ICF - Coesão	-,205*
ERQ-CA	,083
ERQ-CA - Distração	-,086
ERQ-CA - Reavaliação Cognitiva	-,165
ERQ-CA - Supressão Expressiva	,386***

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

3.2.5. Hipótese 5: O afeto positivo tem uma correlação positiva com a modulação da regulação emocional, a empatia e o clima familiar dos adolescentes.

Encontraram-se coeficientes de correlação positiva com os afetos positivos e as dimensões apoio ($r = .238, p = .014$) e coesão ($r = .290, p = .003$) do clima familiar, e a dimensões distração ($r = .247, p = .011$) e reavaliação cognitiva ($r = .350, p < .001$) da regulação emocional.

Confirma-se parcialmente a hipótese enunciada (Tabela 13).

Tabela 13

Coefficientes de Correlação

	Afetos Positivos
BES	,169
BES-A - Afetiva	,065
BES-A - Cognitiva	,154
ICF - Conflito	-,122
ICF - Hierarquia	-,104
ICF - Apoio	,238*
ICF - Coesão	,290**
ERQ-CA	,192
ERQ-CA - Distração	,247*
ERQ-CA - Reavaliação Cognitiva	,350***
ERQ-CA - Supressão Expressiva	-,188

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

3.2.6. Hipótese 6: A empatia (VM) medeia a relação da regulação emocional (VI) com o clima familiar dos adolescentes.

Foram realizadas quatro análises de mediação com o total da empatia como variável mediadora, o total da regulação emocional como variável independente e cada uma das dimensões do clima familiar como variáveis dependentes. Não foram encontrados efeitos de mediação significativos. Apresenta-se a análise referente ao clima familiar Conflito.

O modelo explica 0.7% da variância total do variável clima familiar - Conflito e os efeitos indiretos totais são de .003, não sendo estatisticamente significativos, IC 95% (-.05; .09).

Não se confirma a hipótese enunciada (Tabela 13)

Tabela 14

Análises de Regressão (V. dependente: CF Conflito)

Variáveis independentes	Variáveis dependentes					
	Modelo1 Empatia		Modelo 2 CF Conflito		Modelo 3 CF Conflito	
	B	SE	B	SE	B	SE
Regulação emocional	.079	.072	.187	.213	.184	.215
Empatia	---	---			.039	.291
R2					.007	
F					0.389	
CI 95%					-.05 ; .09	

Nota. CF Conflito = Clima Familiar - Conflito; B = Coeficiente de regressão; SE = Erro-padrão do coeficiente; R² = Coeficiente de determinação; F = Estatística F; CI 95% = Intervalo de confiança de 95% para o coeficiente de regressão.

Capítulo 4

Discussão e Conclusão

4.1. Discussão

É possível demonstrar claramente os pontos de convergência e divergência da literatura existente, sobre a modulação da regulação emocional, empatia, afeto positivo (AP) e negativo (AN) e o clima familiar dos adolescentes estudados nessa dissertação.

Primeiramente, as correlações observadas entre as variáveis reforçam as hipóteses estudadas conforme seguem:

A hipótese 1 que postula que os adolescentes mais velhos recorrem mais à reavaliação cognitiva do que os mais novos foi confirmada. Estudos como o de Silk, Steinberg e Morris (2003) e McRae et al. (2012) sustentam que o desenvolvimento cognitivo pode estar associado ao aumento do uso da reavaliação cognitiva em adolescentes, pois o aprimoramento de habilidades cognitivas facilita a reformulação de situações desafiadoras e complexas.

A hipótese 2 que sugere que a reavaliação cognitiva e a empatia se associam positivamente com o clima familiar dos adolescentes não foi confirmada, pois não houve uma correlação significativa. Isso difere da literatura atual, que sustenta que a empatia e a regulação emocional têm uma associação positiva com o clima familiar na adolescência, sugerindo que adolescentes com maior empatia e capacidade de reavaliação cognitiva tendem a melhorar o ajustamento socioemocional e o comportamento pró-social, beneficiando as relações familiares (Kokkinos & Kipritsi, 2012; Van der Graaff et al., 2014; Van Lissa et al., 2017; Morelli et al., 2014).

Em relação a hipótese 3 de que raparigas recorrem mais à supressão emocional em comparação com rapazes, foi confirmada corroborando com os estudos de Sanchis-Sanchis et al. (2020), onde apresenta variações emocionais por idade e sexo.

A hipótese 4, o afeto negativo tem uma correlação negativa com a modulação da regulação emocional, da empatia e com o clima familiar dos adolescentes é parcialmente significativa. A literatura apoia parcialmente essa ideia com estudos que mostram que AN está associado a reações emocionais intensas e impulsivas, dificultando a regulação emocional e afetando a qualidade dos relacionamentos (Watson, 1988; Berry & Hansen, 1996). Além disso, a presença de AN pode aumentar a vulnerabilidade a comportamentos antissociais, o que impacta as interações familiares (Thompson & Gullone, 2008).

Para a hipótese 5, o afeto positivo tem uma correlação positiva com a modulação da regulação emocional, a empatia e o clima familiar dos adolescentes, é parcialmente significativa. A literatura confirma também parcialmente essa hipótese, relatando que pessoas com alto afeto positivo se veem como confiantes, entusiasmadas e animadas (Berry & Hansen 1996). Além disso, Berry e Willingham (1997) descobriram que o AP elevado está relacionado à habilidade de evitar respostas destrutivas e de se envolver em respostas construtivas durante conflitos, o que contribui para uma melhor qualidade nos relacionamentos. Os estudos também mostram que os níveis de AP podem variar em curto prazo, embora geralmente mantenham estabilidade a longo prazo, como observado por Wilson et al. (1998).

E por fim, a hipótese 6, a empatia medeia a relação da regulação emocional com o clima familiar dos adolescentes, não foi confirmada, apesar da literatura existente afirmar que a empatia e a regulação emocional podem estar conectadas porque a empatia envolve tanto componentes afetivos quanto cognitivos, permitindo por exemplo que uma pessoa compreenda e compartilhe os sentimentos dos outros, possivelmente regulando seus próprios (Davis, 1989; Levenson & Ruef, 1992).

Em termos de consistência interna dos questionários, os resultados do Alfa de Cronbach revelaram boa confiabilidade, especialmente na subescala cognitiva da empatia, que apresentou maior consistência. Este dado reforça que os adolescentes são mais claros em sua capacidade de entender cognitivamente as emoções do que em expressar empatia afetiva, conforme também observado por Kim et al. (2020) em suas análises neurobiológicas.

A regulação emocional, frequentemente discutida com foco em estratégias conscientes ou automáticas de controle emocional, contrasta com o conceito emergente de modulação emocional, que é mais amplo e integra fatores biológicos, neurais e ambientais (Rolls & Deco, 2010; Lewis et al., 2019).

Embora a literatura existente explore isoladamente os aspectos da regulação emocional, empatia, afeto positivo, afeto negativo e clima familiar, esses elementos raramente são tratados sob a ótica da modulação. Poucos estudos abordam a complexidade da modulação conjunta dessas dimensões, especialmente em adolescentes.

4.2. Limitações

Uma das principais limitações encontradas foi o atraso na coleta dos dados devido à demora na devolutiva da comissão de ética. Esse atraso impactou diretamente a capacidade de obter

uma amostra maior e mais representativa. Assim, devido às limitações no acesso a um número maior de adolescentes, é possível que a amostra não represente perfeitamente a diversidade da população adolescente do sexo masculino e da população de adolescentes portugueses.

Ainda, por ser um estudo totalmente *online*, houve limitações por falta de interações mais diretas com os participantes que poderiam promover um maior número de respostas, já que mais da metade do número dos participantes selecionados desta investigação não chegaram até o fim do inquérito, tornando o estudo com menor número de participantes do que era previsto na amostra.

4.3. Conclusão

Os resultados das análises confirmam as hipóteses propostas nesta investigação, indicando que a modulação da regulação emocional, do afeto positivo e negativo, da empatia junto ao adolescente estão, de facto, associadas ao clima familiar dos adolescentes, mas com nuances importantes. A regulação emocional mais adaptativa, como a reavaliação cognitiva, a empatia cognitiva, o afeto positivo são fatores que contribuem potencialmente para um clima familiar mais coeso. Em contrapartida, a regulação emocional menos adaptativa, como a supressão expressiva estão associado a maiores conflitos familiares e afetos negativos.

Dado o impacto das restrições de tempo e a limitação no número de adolescentes do sexo masculino na amostra, futuras investigações poderiam explorar uma amostra maior e mais diversa de adolescentes, possibilitando uma análise mais alargada e detalhada considerando fatores como etnia, nível socioeconômico e localização geográfica, para melhorar a generalização dos resultados.

É essencial realizar estudos longitudinais para avaliar a evolução da regulação emocional, do afeto positivo e negativo, da empatia e do clima familiar ao longo do tempo, quem sabe assim será possível identificar possíveis padrões e causas de mudanças no adolescente. A integração de uma perspetiva psicobiológica, com medidas fisiológicas, ajudará a entender como variações neurobiológicas afetam esses aspetos emocionais. Além disso, examinar a influência de diferentes ambientes, como escolas e comunidades, e adotar uma abordagem interdisciplinar que combine psicologia, neurociência, sociologia e educação contribuirá para uma compreensão mais robusta das questões abordadas. Por fim, investigar fatores de proteção e risco, como suporte social e experiências traumáticas, podem ser interessantes para identificar as dinâmicas que moldam os sinais modulantes no adolescente.

Recomenda-se também que os estudos transversais incluam entrevistas presenciais com os adolescentes e seus representantes legais/ou encarregados de educação para uma melhor qualidade nas respostas do inquérito.

Por fim, e tão mais central neste estudo foi trazer o conceito de modulação emocional em Ciências das Emoções, que para o estudo longitudinal, pretende-se expandir esse conceito para o processo de demodulação emocional e remodulação emocional, onde a partir da separação dos elementos modulantes (demodulação), pode-se executar um processo de ajustes nas componentes dos elementos modulantes (remodulação) junto ao adolescente (elemento a ser modulado), na busca por características que geram impactos positivos no clima familiar e também em novas abordagens terapêuticas.

Referências

- Ackerman, B. P., Abe, J. A. A., & Izard, C. E. (1998). Differential emotions theory and emotional development: Mindful of modularity. What develops in emotional development?. 85-106. Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4899-1939-7_4
- Aldao, A., Nolen-Hoeksema, S., & Schweizer, S. (2010). Emotion-regulation strategies across psychopathology: A meta-analytic review. *Clinical psychology review*, 30(2), 217-237. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2009.11.004>
- Bard, P. (1928). A diencephalic mechanism for the expression of rage with special reference to the sympathetic nervous system. *American Journal of Physiology-Legacy Content*, 84(3), 490-515. <https://doi.org/10.1152/ajplegacy.1928.84.3.490>
- Barrett, L.F. (2017). *How emotions are made: The secret life of the brain*. Pan Macmillan.
- Barrett, K.C., & Campos, J.J. (1987). Perspectives on emotional development II: A functionalist approach to emotions. In J.D. Osofsky (Ed.). *Handbook of infant development* (2nd, pp.494-554). Wiley.
- Bastian, V. A., Burns, N. R., & Nettelbeck, T. (2005). Emotional intelligence predicts life skills, but not as well as personality and cognitive abilities. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2005.04.006>
- Berridge, K. C., & Winkielman, P. (2003). What is an unconscious emotion: The case for unconscious 'liking'. *Cognition and Emotion*, 17(2), 181-211. <https://doi.org/10.1080/026999303022289>
- Berry, D. S., & Hansen, J. S. (1996). Positive affect, negative affect, and social interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(4), 796–809. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.4.796>

- Berry, D. S., & Willingham, J. K. (1997). Affective traits, responses to conflict, and satisfaction in romantic relationships. *Journal of Research in Personality*, 31(4), 564-576. <https://doi.org/10.1006/jrpe.1997.2198>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press. ISBN 9780674224575
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humano*. A. Carvalho-Barreto (Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Publicado originalmente em 2005).
- Björnberg, Å., & Nicholson, N. (2007). The family climate scales—Development of a new measure for use in family business research. *Family Business Review*, 20(3), 229-246. <https://doi.org/10.1111/j.1741-6248.2007.0009>
- Cannon, W. B. (1927). The James-Lange theory of emotions: A critical examination and an alternative theory. *The American journal of psychology*, 39(1/4), 106-124. <https://doi.org/10.2307/1422695>
- Chiao, J. Y., & Blizinsky, K. D. (2010). Culture–gene coevolution of individualism collectivism and the serotonin transporter gene. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 277(1681), 529-537. <https://royalsocietypublishing.org/doi/epdf/10.1098/rspb.2009.1650>
- Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annual Review of Psychology*, 58(1), 175-199. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085551>
- Coutinho, J., Ribeiro, E., Ferreirinha, R., & Dias, P. (2010). Versão portuguesa da Escala de Dificuldades de Regulação Emocional e sua relação com sintomas psicopatológicos.

Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), 37, 145-

151. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000400001>.

Criss, M. M., Morris, A. S., Ponce-Garcia, E., Cui, L., & Silk, J. S. (2016). Pathways to Adaptive Emotion Regulation Among Adolescents from Low-Income Families. *Family Relations*, 65(3), 517-529. <https://doi.org/10.1111/fare.12202>

Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of child psychology and psychiatry*, 43(1), 31-63. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00003>

Damasio, A. (1994). Descartes' Error: Emotion, Reason, and the Human Brain. *Putnam*.

Damasio, A. R. (1996). The somatic marker hypothesis and the possible functions of the prefrontal cortex. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences*, 351(1346), 1413-1420. <https://doi.org/10.1098/rstb.1996.0125>

Diniz, E., & Koller, S. H. (2010). O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. *Educar em Revista*, 65-76. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100006>

Darwin, C. (2009). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. (Leon de Souza Lobo Garcia, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1872). <https://doi.org/10.11606/issn.2178-6224v16i2p173-207>

Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113–126. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>.

- Eisenberg, N., Miller, P. A., Shell, R., McNalley, S., & Shea, C. (1991). Prosocial development in adolescence: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, 27(5), 849–857. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.27.5.849>
- Eisenberg, N., Cumberland, A., Guthrie, I., Murphy, B., & Shepard, S. (2005). Age changes in prosocial responding and moral reasoning in adolescence and early adulthood. *Journal of Research on Adolescence*, 15(3): 235–260. <https://doi.org/10.1111/j.15327795.2005.00095.x>
- Ekman, P. (1971). Universals and cultural differences in facial expressions of emotion. In Nebraska symposium on motivation. University of Nebraska Press. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.53.4.712>
- Ekman, P. (2003). *A linguagem das emoções: revolucionando sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor*. São Paulo: Lua de Papel. ISBN 978-85-63066-42-8
- Ekman, P. (Ed.). (2006). *Darwin and facial expression: A century of research in review*. Ishk. ISBN 188353688X, 9781883536886
- Ekman, P. (2007). *Emotions revealed: Recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life*. Holt Paperbacks. ISBN 0-8050-7275-6
- Ekman, P. (2009). Darwin's contributions to our understanding of emotional expressions. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 364(1535), 3449-3451. <https://doi.org/10.1098/rstb.2009.0189>
- Ellsworth, P. C., & Scherer, K. R. (2003). Appraisal Processes in Emotion. *Oxford Univ. Press*. https://repository.law.umich.edu/book_chapters

- Fan, Y., Duncan, N., Greck, M., e Northoff, G. (2011). Is there a core neural network in empathy? An fMRI based quantitative meta-analysis. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 35, 903-911. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2010.10.009>
- Fredrickson, B. (2009). *Positivity: Top-notch research reveals the 3-to-1 ratio that will change your life*. Harmony. ISBN 10: 0307393747
- Freitag, G. F., Grassie, H. L., Jeong, A., Mallidi, A., Comer, J. S., Ehrenreich-May, J., & Brotman, M. A. (2023). Systematic review: questionnaire-based measurement of emotion dysregulation in children and adolescents. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 62(7), 728-763. <https://DOI:10.1016/j.jaac.2022.07.866>
- Freud, S. (1900). Psychoanalytic theory. *Suicide From a Psychologica*, 7th.
- Galinha, I., & Ribeiro, J. (2005). Contributions for the study of the Portuguese version of Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Psychometric study. *Análisis Psicológico*, 23, 219-227 <https://doi.10.14417/ap.84>
- Garanito, M. P., & Zaher-Rutherford, V. L. (2019). O paciente adolescente e a deliberação clínica sobre a sua saúde. *Revista Paulista de Pediatria*, 37, 503-509. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/;2019;37;4;00011>
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54. <https://doi.org/10.1023/B:JOBA.0000007455.08539.94>
- Greenberg, L.S. (2002). *Emotion-focused therapy: coaching clients to work through their feelings*. Washington DC: American Psychological Association.
- Gross, J. J. (1998a). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of general psychology*, 2(3), 271-299.

<https://doi/10.1037/1089-2680.2.3.271>

- Gross, J. J. (1998b). Antecedent-and response-focused emotion regulation: divergent consequences for experience, expression, and physiology. *Journal of personality and social psychology*, 74(1), 224. <https://doi=10.1037%2F0022-3514.74.1.224>
- Gross, J. J. (Ed.). (2007). *Handbook of Emotion Regulation*. New York: Guilford Press.
- Gross, J. J. (2015). Emotion regulation: Current status and future prospects. *Psychological Inquiry*, 26(1), 1-26. <https://doi.10.1080/1047840X.2014.940781>
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of personality and social psychology*, 85(2), 348–362. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.348>
- Gross, J. J., Richards, J. M., & John, O. P. (2006). Emotion Regulation in Everyday Life. In D. K. Snyder, J. Simpson, & J. N. Hughes (Eds.), *Emotion regulation in couples and families: Pathways to dysfunction and health* (pp. 13–35). *American Psychological Association*. <https://doi.org/10.1037/11468-001>
- Gullone, E., & Taffe, J. (2012). The Emotion Regulation Questionnaire for Children and Adolescents (ERQ–CA): A psychometric evaluation. *Psychological Assessment*, 24(2), 409–417. <https://doi.org/10.1037/a0025777>
- Izard, C. E. (2013). *Human emotions*. Springer Science & Business Media.
- James, W. (1884). *What is an Emotion?* *Mind*, 9(34), 188-205.
- James, W. (1890). *The Principles of Psychology*. Henry Holt and Company.
- James, W. (2008). As emoções (1890). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11, 669-6 <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000400013>

- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, 29(4), 589-611.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.08.010>
- Kagan, J. (1984). The idea of emotion in human development. *Emotions, cognition, and behavior*, 38-72.
- Kim, E. J., Son, J. W., Park, S. K., Chung, S., Ghim, H. R., Lee, S., ... & Lee, J. (2020). Cognitive and emotional empathy in young adolescents: An fMRI study. *Journal of the Korean Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 31(3), 121.
<https://doi.org/10.5765/jkacap.200020>
- Kokkinos, CM e Kipritsi, E. (2012). A relação entre bullying, vitimização, traço de inteligência emocional, autoeficácia e empatia entre pré-adolescentes. *Psicologia Social da Educação*, 15 , 41–58.[10.1007/s11218-011-9168-9](https://doi.org/10.1007/s11218-011-9168-9)
- Kokkinos, C. M., & Kipritsi, E. (2018). Bullying, moral disengagement and empathy: Exploring the links among early adolescents. *Educational Psychology*, 38(4), 535-552.
- Kostka, S. L., & Payne, D. (2012). *Tonal Harmony*. New York: McGraw-Hill Education.
- Ortega-Barón, J., Buelga-Vasquez, S., & Cava-Caballero, M. J. (2016). The Influence of School Climate and Family Climate among Adolescents Victims of Cyberbullying= Influencia del clima escolar y familiar en adolescentes, víctimas de ciberacoso. *Comunicar*, 24(46), 57-65. <https://doi.org/10.3916/C46-2016-06>
- Lange, C. G. (1885). Om Sindsbevaegelser: Et psyko-fysiologisk Studie. (On Emotions: A Psychophysiological Study). Reitzel.
- Larson, R. W., Moneta, G., Richards, M. H., & Wilson, S. (2002). Continuity, stability, and change in daily emotional experience across adolescence. *Child Development*, 73(4), 1151-1165. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00464>

- Lazarus, R. S. (1966). *Psychological stress and the coping process*. McGraw-Hill.
- LeDoux, J. E. (1998). *The emotional brain: The mysterious underpinnings of emotional life*. Simon and Schuster.
- Levenson, RW e Ruef, AM (1992). Empatia: um substrato fisiológico. *Jornal de Personalidade e Psicologia Social*, 63 (2), 234–246.
<https://doi.org/10.1037/00223514.63.2.234>
- Lewis, M. D., Granic, I., & Lamm, C. (Eds.). (2019). *Emotion Regulation and Psychopathology in Children and Adolescents*. New York: Oxford University Press.
- Lopes, M. D. V. D. S. A. (2023). A experiência de flow na adolescência: o papel da autoestima, regulação emocional, afeto positivo e negativo, e percepção de desafio e de competência (Doctoral dissertation). <https://hdl.handle.net/1822/88733>
- Luebke, A. M., & Bell, D. J. (2014). Positive and Negative Family Emotional Climate Differentially Predict Youth Anxiety and Depression via Distinct Affective Pathways. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42(6), 897-911.
<https://doi.org/10.1007/s10802-013-9838-5>
- Matos, M. B. D., Cruz, A. C. N., Dumith, S. D. C., Dias, N. D. C., Carret, R. B. P., & Quevedo, L. D. A. (2015). Eventos estressores na família e indicativos de problemas de saúde mental em crianças com idade escolar. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20, 2157-2163. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015207.17452014>
- McRae, K., Gross, J. J., Weber, J., Robertson, E. R., Sokol-Hessner, P., Ray, R. D., ... & Ochsner, K. N. (2012). The development of emotion regulation: an fMRI study of cognitive reappraisal in children, adolescents and young adults. *Social cognitive and affective neuroscience*, 7(1), 11-22.
- Martins, Edna, & Szymanski, Heloisa. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1)
Recuperado em 01 de novembro de 2024, de

- <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v4n1/v4n1a06.pdf>
- Martins Teodoro, M. L., Binsfeld Hees, A. R., Saraiva, L. A., & Cardoso, B. M. (2014). Problemas emocionais e de comportamento e clima familiar em adolescentes e seus pais. *PSICO*. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.13172>
- Morelli, S. A., Rameson, L. T., & Lieberman, M. D. (2014). The neural components of empathy: Predicting daily prosocial behavior. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 9(1), 39-47. <https://doi.org/10.1093/scan/nss088>
- Moos, R. H., Moos, B. S. (1994). *Family Environment Scale manual*. 3rd ed. Palo Alto (CA): Consulting Psychologists Press.
- Ogbaselase, F. A., Mancini, K. J., & Luebke, A. M. (2022). Indirect Effect of Family Climate on Adolescent Depression Through Emotion Regulatory Processes. *Emotion*, 22(5), 1017-1029. <https://doi.org/10.1037/emo0000899>
- Ortiz, V. E. A., & López, R. S. (2024). Estudiando los perfiles afectivos en adolescentes españoles y diferencias en agresividad. *European Public & Social Innovation Review*, 9, 1-15. <https://doi.org/10.31637/epsir-2024-356>
- Papez, J. W. (1937). A proposed mechanism of emotion. *Archives of Neurology & Psychiatry*, 38(4), 725-743. <https://doi.org/10.1001/archneurpsyc.1937.02260220069003>
- Panksepp, J. (2004). *Affective neuroscience: The foundations of human and animal emotions*. 1st Edition. Oxford university press.
- Pechorro, P., Ray, J. V., Salas-Wright, C. P., Maroco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). Adaptation of the Basic Empathy Scale among a Portuguese sample of incarcerated juvenile offenders. *Psychology, Crime & Law*, 21(7), 699–714. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2015.1028546>
- Pechorro, P. F. S., Jesus, S., Kahn, R., Gonçalves, R. A., & Barroso, R. (2018). A versão breve da escala de empatia básica numa amostra escolar de jovens portugueses:

- validade, fiabilidade e invariância. <https://hdl.handle.net/1822/67231>
- Pereira, M. G., Gomes, H., Miranda, M., & Candeias, M. D. J. (2020). Coesão e flexibilidade familiar: Validação do pacote FACES IV junto de adolescentes portugueses. *Análise Psicológica*, 38(1), 111-126. Recuperado em 04 de março de 2024, de <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/7656>
- Petrova, K., Zielke, JN, Mehta, A., & Gross, JJ (2023). As crenças recorrentes sobre as emoções predizem a regulação emocional na vida cotidiana. *Emoção. Publicação online avançada*. <https://doi.org/10.1037/emo0001317>
- Pinheiro, M. J. S. (2018). *(Des) regulação emocional na adolescência: estratégias de regulação e problemas emocionais e de comportamento* (Master Dissertation). Recuperado em 04 de março de 2024, de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/38024>
- Portt, E., Person, S., Person, B., Rawana, E., & Brownlee, K. (2020). Empathy and positive aspects of adolescent peer relationships: A scoping review. *Journal of Child and Family Studies*, 29(9), 2416–2433. <https://doi.org/10.1007/s10826-020-01753-x>
- Proakis, J. G., & Salehi, M. (2002). *Communication systems engineering* (2nd ed.). New Jersey: Prentice Hall.
- Riediger, M., & Klipker, K. (2014). *Emotion regulation in adolescence*. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (2nd ed., pp. 187–202). The Guilford Press.
- Rolls, E. T., & Deco, G. (2010). *The Noisy Brain: Stochastic Dynamics as a Principle Brain Function*. New York: Oxford University Press.
- Sanchis-Sanchis, A., Grau, M. D., Moliner, A. R., & Morales-Murillo, C. P. (2020). Effects of age and gender in emotion regulation of children and adolescents. *Frontiers in psychology*, 11, 946.

- Scherer, K. R. (1984). On the nature and function of emotion: A component process approach. *Approaches to emotion*, 2293(317), 31.
<https://doi.org/10.1177/053901882021004001>
- Schachter, S., & Singer, J. (1962). Cognitive, social, and physiological determinants of emotional state. *Psychological review*, 69(5), 379. doi.org/10.1037/h0046234
- Sifuentes, T. R., Dessen, M. A., & Oliveira, M. C. S. L. (2007). Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 379-385. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000400003>
- Silk, J. S., Steinberg, L., & Morris, A. S. (2003). Adolescents' emotion regulation in daily life: Links to depressive symptoms and problem behavior. *Child Development*, 74(6), 1869-1880. <https://doi.org/10.1046/j.1467-8624.2003.00643.x>
- Silveira, L. M. D. O. B., & Wagner, A. (2011). A importância das relações parentais frente aos problemas de comportamento na infância: Convergências teóricas. *Interação em Psicologia*, 15(2). ISSN 2175-3520.
- Sim, L., Adrian, M., Zeman, J., Cassano, M., & Friedrich, W. N. (2009). Adolescent Deliberate Self-Harm: Linkages to Emotion Regulation and Family Emotional Climate. *Journal of Research on Adolescence*, 19(1), 75-91. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2009.00582.x>
- Singer, T., & Lamm, C. (2009). The social neuroscience of empathy. In J. Decety & W. Ickes (Eds.), *The social neuroscience of empathy* (pp. 19-30). MIT Press.
<https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.2009.04418.x>
- Soto, C. J., Napolitano, C. M., & Roberts, B. W. (2021). Taking skills seriously: Toward an integrative model and agenda for social, emotional, and behavioral skills. *Current Directions in Psychological Science*, 30(1), 26-33.
<https://doi.org/10.1177/0963721420978613>

- Stocker, C. M., Richmond, M. K., Rhoades, G. K., & Kiang, L. (2007). Family Emotional Processes and Adolescents' Adjustment. *Social Development*, 16(2), 310-325.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00386.x>
- Teodoro, M. L. M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 27-39. Recuperado em 31 de outubro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000300004&lng=pt&tlng=pt.
- Teodoro, M. L., Binsfeld, A., Saraiva, L., & Cardoso, B. M. (2014). Problemas emocionais e de comportamento e clima familiar em adolescentes e seus pais. *Psico*, 45(2), 168-175. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.13172>
- Thompson, R. A. (1994). Emotion regulation: A theme in search of definition. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59(2-3), 25–52.
<https://doi.org/10.1111/j.1540-5834.1994.tb01276.x>
- Thompson, K. L., & Gullone, E. (2008). Prosocial and Antisocial Behaviors in Adolescents: An Investigation into Associations with Attachment and Empathy. *Anthrozoös*, 21(2), 123–137. <https://doi.org/10.2752/175303708X305774>
- Van Lissa, C. J., Hawk, S. T., Koot, H. M., Branje, S., & Meeus, W. H. J. (2017). The cost of empathy: Parent–adolescent conflict predicts emotion dysregulation for highly empathic youth. *Developmental Psychology*, 53(9), 1722–1737.
<https://doi.org/10.1037/dev0000361>
- Van der Graaff, J., Branje, S., De Wied, M., Hawk, S., Van Lier, P., & Meeus, W. (2014). Perspective taking and empathic concern in adolescence: Gender differences in developmental changes. *Developmental Psychology*, 50(3), 881-888.
<https://doi.org/10.1037/a0034325>

- Vianna, V., Silva, E. A. D., & Souza-Formigoni, M. L. O. (2007). Versão em português da Family Environment Scale: aplicação e validação. *Revista de Saúde Pública*, 41, 419-426. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102007000300014>
- Watson, D. (1988). Intraindividual and interindividual analyses of positive and negative affect: their relation to health complaints, perceived stress, and daily activities. *Journal of personality and social psychology*, 54(6), 1020. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1020>
- Weisz, E., & Cikara, M. (2021). Strategic regulation of empathy. *Trends in Cognitive Sciences*, 25(3), 213-227. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2020.12.002>
- Whittaker, J. E. V., Harden, B. J., See, H. M., Meisch, A. D., & T'Pring, R. W. (2011). Family risks and protective factors: Pathways to Early Head Start toddlers' social-emotional functioning. *Early childhood research quarterly*, 26(1), 74-86. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2010.04.007>
- Wilson, K., Gullone, E., & Moss, S. (1998). The youth version of the Positive and Negative Affect Schedule: A psychometric validation. *Behaviour Change*, 15(3), 187-193. <https://doi.org/10.1017/S0813483900003077>
- Zaki, J., & Ochsner, K. N. (2012). The neuroscience of empathy: Progress, pitfalls and promise. *Nature Neuroscience*, 15(5), 675-680. <https://doi.org/10.1038/nn.3085>

ANEXOS

Anexo A

Formulário de Submissão Comissão Especializada de Ética de Psicologia

COMISSÃO ESPECIALIZADA DE ÉTICA DE PSICOLOGIA

Código (a introduzir pela
CEE_ECSH):

FORMULÁRIO DE SUBMISSÃO

IDENTIFICAÇÃO	
Ciclo de Estudos	1º ciclo ☐ 2º ciclo ☒
Curso	Mestrado em Ciências das Emoções
Esta submissão só está a ser efetuada a esta comissão especializada	Sim ☒ Não ☐ Qual: Click or tap here to enter text.
Título do projeto:	Emoções e Adolescência: A Modulação da Regulação Emocional, da empatia e o Clima Familiar
Investigador/a proponente:	Elaine Alves Pinheiro
E-mail:	eapos@iscte-iul.pt
Se estudante, indique n. de aluno/a:	112216
Investigador/a responsável:	Susana Cristina Silvestre Fonseca
E-mail:	susana-fonseca@iscte-iul.pt
Equipa de investigação (nome e filiação):	Elaine Pinheiro e Susana Fonseca
Submissão	Primeira submissão ☒ Re-submissão ☐ Alteração ☐

Anexo B

Formulário de Submissão Comissão Especializada de Ética de Psicologia

COMISSÃO ESPECIALIZADA DE ÉTICA DE PSICOLOGIA

Existência de parecer externo (por outra Comissão de Ética):	Sim ☐ Identificar: Click or tap here to enter text. (Anexar o ficheiro à candidatura em "outros documentos")
	Não ☐

CHECKLIST PARA QUESTÕES DE ÉTICA

Indique se o estudo envolve algum dos seguintes elementos (assinale todos os que se aplicam):

Amostra proveniente de populações vulneráveis	
Crianças e jovens com menos de 18 anos.	☐
Pessoas com dificuldades físicas ou psicológicas.	☐
Pessoas com relação de dependência em relação aos/às responsáveis pela investigação (e.g., superiores hierárquicos; assimetria de poder/estatuto) ou no contexto onde decorre a investigação (e.g., universidade; empresas).	☐
Pessoas pertencentes a grupos minoritários em situação de vulnerabilidade e/ou em situação ilegal.	☐
Riscos significativos para os/as participantes	
Recolha de informação sobre assuntos sensíveis para os/as participantes (e.g., experiências traumáticas; limitações físicas; sofrimento psicológico).	☐
Indução de estados de desconforto físico (e.g., tarefas físicas prolongadas ou muito repetitivas) ou psicológico (e.g., ansiedade; humilhação).	☐
Atribuição de rótulos ou categorias com consequências potencialmente negativas para o autoconceito (e.g., manipulação de competências percebidas; manipulação de situações de exclusão).	☐
Atividades invasivas (e.g., administração de substâncias; ingestão de alimentos).	☐
Recolha de tecidos humanos, sangue ou outros materiais biológicos.	☐

Indique se o estudo envolve tratamento de dados pessoais (1) Sim ☐ Não ☐

(1) Por dados pessoais entende-se qualquer informação, de qualquer natureza e em qualquer suporte (e.g., registo de voz ou imagem), relativa a uma pessoa singular identificada ou identificável. É considerada identificável uma pessoa singular que possa ser identificada direta ou indiretamente, por exemplo, através de um nome, um número de identificação, dados de localização, identificador eletrónico (e.g., IP) ou de outros elementos específicos da identidade física, fisiológica, genética, mental, económica, cultural ou social dessa pessoa singular.

Se pretende que o seu estudo não envolva o tratamento de dados pessoais, isto é, recolha e trate exclusivamente dados anónimos, o momento do processo de anonimização é fundamental.

O facto de um estudo não reportar respostas individuais de participantes, não é por si só indicador de não haver tratamento de dados pessoais. Pode considerar-se que um estudo nunca trata dados pessoais apenas

COMISSÃO ESPECIALIZADA DE ÉTICA DE PSICOLOGIA

na condição de que o investigador não tenha acesso a nenhum suporte com registos de dados pessoais durante a recolha e posteriores tratamentos.

Se a anonimização dos dados ocorrer numa fase posterior à recolha de dados, por exemplo, quando o investigador remove informações de identificação pessoal de uma transcrição áudio de uma entrevista, ou quando transfere os dados pessoais recolhidos para outra base de dados, os dados brutos ainda são pessoais e deve indicar "sim" nesta questão, anexando ainda o questionário sobre tratamento de dados pessoais.

DESCRIÇÃO DO ESTUDO

PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Indique o problema de investigação e a relevância do estudo, clarificando qual o contributo original que apresenta para o avanço do conhecimento e/ou outros benefícios esperados para indivíduos ou comunidades. [até 200 palavras]

Este estudo pretende preencher uma lacuna na literatura e analisar as associações entre a modulação da regulação emocional e da empatia no adolescente e o clima familiar. Existem trabalhos que abordam separadamente as estratégias de regulação emocional do adolescente (Larson, et al., 2002; Pedrini et al., 2020; Silk et al., 2003) e empatia afetiva e cognitiva do adolescente (Morelli, et al., 2014; Portt et al., 2020; Van der Graaff et al., 2014), o clima familiar (Allgayer et al., 2006; Moss, 1994; Teodoro et al., 2009), bem como a importância da regulação emocional na facilitação da empatia e do comportamento pró-social (Benita et al., 2017; Laghi et al., 2018; Lockwood et al., 2014) e a complexidade das interações entre regulação emocional, empatia e comportamento pró-social. No entanto, no campo da Ciências das Emoções, a relação da modulação da regulação emocional, da empatia (i.e. afetiva e cognitiva) do adolescente e o clima familiar, ainda não foi explorada. Portanto, o resultado deste estudo abrirá um caminho para o estudo da modulação desses processos nesta fase etária tão complexa no desenvolvimento humano.

OBJETIVO/PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO

Indique os objetivos gerais e específicos do estudo, e/ou a(s) pergunta(s) de investigação. [até 150 palavras]

Este estudo correlacional tem como objetivo investigar as associações entre a modulação da regulação emocional e da empatia no adolescente e o clima familiar, bem como possíveis diferenças de género nessa relação. E especificamente (i) investigar se há uma associação significativa entre a modulação da regulação emocional e da empatia no adolescente e o clima familiar; (ii) avaliar se existe uma associação positiva entre as estratégias de regulação emocional e as competências de empatia do adolescente e o clima familiar; (iii) analisar se há diferenças significativas no clima familiar entre rapazes e raparigas, considerando a modulação da regulação emocional e da empatia.

Perguntas de Investigação:

1. Há uma associação significativa entre a modulação da regulação emocional e da empatia no adolescente e o clima familiar?

Anexo C

Formulário de Submissão Comissão Especializada de Ética de Psicologia

COMISSÃO ESPECIALIZADA DE ÉTICA DE PSICOLOGIA

2. Existe uma associação positiva entre as estratégias de regulação emocional e as competências de empatia do adolescente e o clima familiar?
3. Há diferenças significativas no clima familiar entre meninos e meninas, considerando a modulação da regulação emocional e da empatia?

MÉTODO

Explique a escolha de métodos de investigação e descreva todos os procedimentos para a recolha e registo de dados, participação e tarefas solicitadas aos/as participantes, intervenções realizadas, duração da participação e frequência da recolha de dados [até 700 palavras].

Se são tratados dados pessoais, inclua informação sobre:

- i) Os dados pessoais recolhidos, quem são os titulares dos dados e os tratamentos previstos;
- ii) O fundamento jurídico para o tratamento, caso não seja o consentimento;
- iii) Quem é o responsável pelo tratamento, nos casos em que não é o iscte ou há responsabilidade conjunta;
- iv) Os procedimentos e os momentos ou os prazos previstos de pseudonimização e anonimização ou destruição, consoante os casos aplicáveis. Se existe anonimização, indique as medidas adotadas para reduzir o risco de re-identificação

Este estudo é correlacional e os dados serão recolhidos exclusivamente por questionário online, será enviado ao educador/responsável 1 (um) links da plataforma Qualtrics. Procedimentos de Recolha e Registo de Dados: (i) Envio do Consentimento Informado: Os representantes legais ou encarregados de educação receberão o link com acesso aos consentimentos informado e inquérito, através das redes sociais (por exemplo, Instagram, Facebook) para autorizar a participação do adolescente no inquérito. O/a encarregado/a de educação lê e consente e, em seguida, preenche alguns dados demográficos sobre si e sobre o adolescente, e o inquérito prossegue com as perguntas dirigidas ao adolescente. Assim, todos os dados serão registados no mesmo link; (ii) Questionário Online: Os adolescentes participantes responderão a um questionário online que incluirá medidas de regulação emocional, empatia, afeto positivo e negativo e percepção do clima familiar. O questionário abrangerá: Regulação Emocional. Será utilizada a escala "Emotion Regulation Questionnaire for Children and Adolescents (ERQ-CA)" (Gullone & Taffe, 2012) na sua versão "Escala de Regulação Emocional para Crianças e Adolescentes-ERQ-CA" (Balbi et al., 2020).

Empatia. A medida de empatia será avaliada através da "Basic Empathy Scale" de Jolliffe e Farrington, (2006) na sua versão breve de Pechorro et al., (2018).

Afeto Positivo e Negativo. Será utilizado o "Positive and Negative Affect Schedule (PANAS)" de Watson et al., (1988), adaptado para a língua portuguesa por Galinha e Pais-Ribeiro, (2005). Percepção do Clima Familiar. A medida será baseada no "Inventário do Clima Familiar (ICF)" desenvolvido por Allgayer et al., (2006) e Teodoro et al., (2009). (iii) Duração da Participação: A participação no questionário online terá uma duração estimada de 20 a 25 minutos. (iv) Frequência da Recolha de Dados: Os dados serão coletados uma única vez de cada participante.

COMISSÃO ESPECIALIZADA DE ÉTICA DE PSICOLOGIA

- (v) Os dados serão utilizados apenas para fins de investigação de forma anónima e confidencial. Serão analisados coletivamente e nenhuma resposta individual será analisada ou relatada. No início do inquérito, foi necessário escrever uma saudação na linguagem dos adolescentes e no final terá o Debriefing.

INCLUA EM ANEXO OS MATERIAIS A UTILIZAR NO ÂMBITO DA RECOLHA DE DADOS
(Ao enviar a submissão, por favor anexe os questionários, guiões de entrevista ou de atividade, grelhas de registo/observação, etc., devidamente identificados)

Se indicou que o estudo envolve o tratamento de dados pessoais, inclua em anexo o questionário sobre Tratamento de dados pessoais.

PARTICIPANTES

NÚMERO, IDADE E ORIGEM DOS/AS PARTICIPANTES

Caracterize os/as participantes do estudo no que respeita ao número esperado, critérios de seleção, intervalo de idades e origem (i.e., contexto de recrutamento). [até 100 palavras]

Espera-se seleccionar 150 a 200, adolescentes voluntários, de nacionalidade brasileira e portuguesa, pelo seguinte critério de inclusão: (i) ter idades compreendidas entre 12 e 17 anos (ii) possuir aptidão de leitura e escrita autónoma e (iv) estarem frequentando uma unidade escolar. Como critério de exclusão: (i) Consentimento informado não autorizado pelo representante legal ou encarregados de educação.

MÉTODO DE RECRUTAMENTO

Descreva o método de recrutamento dos/as participantes. [até 100 palavras]

Será enviado 1 (um) link: da plataforma Qualtrics com os consentimentos informado e dados sociodemográfico: para o representante legal ou o/a encarregado de educação e; o assentimento, dados sociodemográficos e inquérito para o adolescente, pelas redes sociais (por exemplo, Instagram, Facebook). O/a encarregado/a de educação lê e consente e, em seguida, preenche alguns dados demográficos sobre si e sobre o adolescente, e o inquérito prossegue com as perguntas dirigidas ao adolescente. Assim, todos os dados serão registados no mesmo link. Caso o consentimento não for consentido pelo representante legal ou o/a encarregado/a

Anexo D

Consentimento Informado para Representante legal/Encarregado de Educação



Bem-vindo(a) Pais/Mães

CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito de um projeto de investigação a decorrer no **Iscte – Instituto Universitário de Lisboa**. O estudo tem por objetivo estudar as associações entre a modulação da regulação emocional e da empatia no adolescente e o clima familiar.

Será **necessário** que **seu/sua educando(da) esteja ao seu lado** para o preenchimento do inquérito. **No caso de mais de 1 (um) educando(da)**, o representante legal o/a encarregado de educação **deverá iniciar um novo inquérito**, e acender mais um link. O tempo necessário para participar consiste em 25 minutos para responder o questionário da investigação por participante.

O estudo é realizado por **Elaine Alves Pinheiro**, email eapos@iscte-iul.pt e orientado pela **Prof.ª Dra. Susana Fonseca** e-mail susana-fonseca@iscte-iul.pt, que poderá contactar caso pretenda esclarecer alguma dúvida ou partilhar algum comentário.

A participação do seu educando(da) neste estudo é **anónima, confidencial e voluntária** e pode ser interrompida em qualquer momento após seu início sem ter de prestar qualquer justificação.

Os dados obtidos destinam-se apenas a tratamento estatístico e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente. **Em nenhum momento do estudo precisas de te identificar.**

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pelo/a investigador/a, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora. **Aceito** que o meu educando/a minha educanda participe no estudo e consinto que os meus dados pessoais sejam utilizados de acordo com as informações que me foram disponibilizadas.

Em caso afirmativo, clique em "aceito". O preenchimento questionário presume que compreendeu e que aceita as condições do presente estudo, consentindo que seu educando(a) participe.

- ☐ ACEITO
- ☐ NÃO ACEITO

Anexo E

Questionário Sociodemográfico do Representante Legal e/ou Encarregado de Educação.



MODEMOTION24 ▾

☐ Q01 | DEMO

Qual é o seu sexo?

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Não quero responder

Q02 | DEMO

Qual seu país de nascimento?

- ☐ Brasil
- ☐ Portugal

Q03 | DEMO

Qual a sua relação com o seu/sua educando/a?

- ☐ Pai
- ☐ Mãe
- ☐ Outros

Qual a idade do seu/sua educando/a?

- ☐ 12
- ☐ 13
- ☐ 14
- ☐ 15
- ☐ 16
- ☐ 17

Q05 | DEMO

Qual país seu educando nasceu?

- ☐ Brasil
- ☐ Portugal

☐ Q06 | DEMO

Qual o ano escolar seu/sua educando/a?

- ☐ Ensino Básico 1º Ciclo: 1º ao 4º ano
- ☐ Ensino Básico 2º Ciclo: 5º e 6º ano
- ☐ Ensino Básico 3º Ciclo: 7º ao 9º ano
- ☐ Ensino Secundário 10º ao 12º ano
- ☐ Fundamental 1º ao 5º ano
- ☐ Fundamental 6º ao 9º ano
- ☐ Ensino Médio: 1º ao 3º ano
- ☐ Não Estudo

Anexo F

Assentimento Informado para os Adolescentes e Início do Inquérito

  MODEMOTION24 ▾



Bem-vindo(a) Adolescente!

ASSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito de um projeto de investigação a decorrer no **Iscte – Instituto Universitário de Lisboa**.

O estudo tem por objetivo estudar as associações entre a modulação da regulação emocional e da empatia no adolescente e o clima familiar.

A tua participação no estudo, que será muito valorizada, irá contribuir para o avanço do conhecimento neste domínio da ciência. O estudo é realizado por **Elaine Alves Pinheiro**, email epos@iscte-iul.pt e a orientadora **Pra. Dra. Susana Fonseca** e-mail susana-fonseca@iscte-iul.pt, que poderá contactar caso pretenda esclarecer alguma dúvida ou partilhar algum comentário.

A tua participação neste estudo é **anónima, confidencial e voluntária** e pode ser interrompida em qualquer momento após seu início sem ter de prestar qualquer justificação.

Os dados obtidos destinam-se apenas a tratamento estatístico e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente.

Em nenhum momento do estudo precisas de te identificar.

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pelo/a investigador/a, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora. **Aceito** participar no estudo e consinto que os meus dados pessoais sejam utilizados de acordo com as informações que me foram disponibilizadas.

- ☐ ACEITO
☐ NÃO ACEITO

  MODEMOTION24 ▾

Boas Vindas



INQUÉRITO PARA O ADOLESCENTE

Já ouviste falar sobre a importância das emoções e como elas afetam as nossas vidas? Sabes que durante a adolescência, um período cheio de mudanças e descobertas, as emoções desempenham um papel fundamental?

É exatamente sobre isso que queremos conversar contigo! Queremos saber como sentes, como lidas com tuas emoções, como se relaciona com os outros e como é o clima na sua família.

NÃO precisas **IDENTIFICAR-TE!** Se em algum momento te sentires desconfortável ou quiseres interromper o questionário, podes fazê-lo sem problema algum.

A tua participação é muito importante para a ciência e vai nos ajudar a descobrir mais sobre a adolescência. Então, que tal fazeres parte deste estudo e ajudar-nos a entender melhor as emoções na adolescência?

Vamos Iniciar!

Anexo G

Matrix PROCESS SPSS

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 4.1 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2022). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
Y : ICF
X : ERQ_CA
M : BES_A

Sample
Size: 103

OUTCOME VARIABLE:
BES_A

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,1176	,0138	,2210	1,4175	1,0000	101,0000	,2366

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	1,9024	,2103	9,0484	,0000	1,4854	2,3195
ERQ_CA	,0839	,0705	1,1906	,2366	-,0559	,2237

OUTCOME VARIABLE:
ICF

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,2595	,0673	,3678	3,6099	2,0000	100,0000	,0306

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	3,2754	,3650	8,9746	,0000	2,5513	3,9994
ERQ_CA	-,1122	,0916	-1,2252	,2234	-,2938	,0695
BES_A	,3233	,1284	2,5189	,0134	,0687	,5780

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:

ICF

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,0903	,0082	,3873	,8310	1,0000	101,0000	,3642

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	3,8905	,2783	13,9789	,0000	3,3384	4,4425
ERQ_CA	-,0850	,0933	-,9116	,3642	-,2701	,1000

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y

Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
-,0850	,0933	-,9116	,3642	-,2701	,1000

Direct effect of X on Y

Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
-,1122	,0916	-1,2252	,2234	-,2938	,0695

Indirect effect(s) of X on Y:

Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
BES_A	,0271	,0284	-,0156

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

5000

----- END MATRIX -----